

Maria Maria

ANO 4 Nº 4

Trabalhadoras Domésticas • quem são e o que pensam •

O nome dela é lutadora,
mas pode chamar de Creuza

Ela começou a trabalhar aos dez anos de idade. Hoje é a presidente do Sindicato de Trabalhadores Domésticos da Bahia e da Confederação Nacional de Trabalhadores Domésticos.



A mulher invisível

A fotógrafa norte-americana Pamela Duffy, por meio de um belo ensaio, torna visível a "invisível" trabalhadora doméstica brasileira.



Elas deram filme

Entrevista com Cecília Homem de Mello, uma das roteiristas do Domésticas - o Filme.



POSSO PEGAR O QUE QUISER NA
GELADEIRA, SÓ IOGURTES DA
DONA MARISA É QUE NÃO.

*Minhas empregadas
sempre foram honestas,
dessas que, se acham um
centavo, devolvem.*

**DOMÉSTICA É UM
NOME FEIO, NÃO É?**

É um trabalho fundamental,
além de ser muito pesado.

Me dou super bem com elas.

Digo o que quero: como limpar a prataria ou
atender o telefone e fica tudo bem.

**EU ACHO DOMÉSTICA UM
NOME BONITO.**

Pra mim, a cultura do brasileiro é de tratar a empregada como capacho. Eu não ajo assim e elas ficam confusas.

**A NAOMI CAMPBELL JAMAIS
ACEITARÁ FAZER UM
COMERCIAL COMO DOMÉSTICA.**

*Eu sonho é fazer
faculdade de
publicidade ou de
psicologia.*

**Ela é mais do que uma
empregada, é minha
amiga.**

Meu relacionamento com a Lourdes é muito bom, embora eu tenha dificuldade de dar ordens.



I n v i s í v e i s

No Brasil, cinco milhões de mulheres ganham a vida trabalhando como domésticas, mensalistas ou diaristas. Algumas dormem no emprego, numa infinita jornada de trabalho. Outras – a maioria – moram infinitamente longe do local de trabalho. Muitas são chefes de família e fazem o possível e o impossível, o imaginável e o inimaginável para sustentar seus filhos.

Apesar de a sociedade, em geral, reconhecer a labuta dessas trabalhadoras, essa é uma atividade extremamente desvalorizada: muitas nem chegam a receber um salário mínimo e apenas 24% têm carteira assinada.

Maria, Maria dedica seu quarto número às empregadas domésticas, num esforço de combater a grande inimiga dessas mulheres: a invisibilidade social. Elas estão em toda parte e ao mesmo tempo não estão em parte alguma. Claro, estão trabalhando nas cozinhas, nas salas, nos quartos, nos banheiros, nas áreas de serviço, nos quintais, nos jardins. Mas não estão representadas nos espaços de poder e estão mal representadas nos espaços de direito, pois não têm os mesmos direitos de que gozam outras categorias profissionais.

Depoimentos, entrevistas, matérias e um belo ensaio fotográfico – que compõem esta **Maria, Maria** – tentam mostrar uma outra imagem dessa trabalhadora. Verdade que ela segue pobre, explorada, desvalorizada. Mas há indícios de avanços e pistas para melhorar sua circunstância social e sua qualidade de vida.

Hoje já podemos falar de uma categoria de trabalhadoras. Há sindicatos e líderes. Aos poucos, a doméstica vai se tornando visível. Aos poucos, essa personagem tão particular, que serve a uma outra pessoa ou a uma família, começa a ser percebida e comentada.



MARIA, MARIA
revista do Fundo de
Desenvolvimento das
Nações Unidas para a
Mulher (Unifem)

**Coordenadora regional
do Unifem para o
Brasil e o Cone Sul:**
Branca Moreira Alves
branca@undp.org.br

Coordenação Editorial
Júnia Puglia.
junia@undp.org.br

Edição e Redação
Fernanda Pompeu
fpompeu@uol.com.br

Revisão
Cecília Marks
ceciliamarks@uol.com.br

Fotografia
Nair Benedicto
nimagens@uol.com.br

**Diagramação e
Editoria de Arte**
Angela Mattos
angela@am3artes.com.br

Capa
Andréia Gertrudes Ferreira

ano 4, nº 4
segundo semestre de 2002
Brasil

Correspondências para:
Unifem
SCN Quadra 02 Bloco A
Módulo 602 - Ed. Corporate
70712-900 - Brasília, DF
unifemconesul@undp.org.br
www.undp.org.br/unifem

TODAS AS MARIAS, MARIAS VOCÊ ENCONTRA NA PÁGINA DO UNIFEM <http://www.undp.org.br/unifem>

INVISÍVEIS

NAS BASES DA CASA E DA PIRÂMIDE SOCIAL



Entrevista com a economista Hildete Pereira de Melo acerca do papel do emprego doméstico na organização econômica brasileira.

O GRANDE BERÇO

Soledad convida quatro amigas, todas trabalhadoras domésticas, para um brinde na sala de estar dos patrões.

LA CUNA GRANDE

Soledad convida a cuatro amigas, todas trabajadoras de casa particular, para un brindis en el salón de l@ patron@s.

ESPELHO, ESPELHO SEU

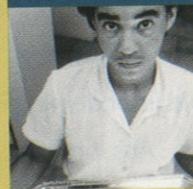
Domésticas e patroas falam do cotidiano de sua instigante relação. Razões e desrazões. Imagens e concretudes.

O MILAGRE DE UMA BRASILEIRA



A labuta e os sonhos de Maria Helena Lira, trabalhadora doméstica em uma casa do Distrito Federal.

A MULHER INVISÍVEL



A fotógrafa norte-americana Pamela Duffy, por meio de seu belo ensaio, torna visível a "invisível" trabalhadora doméstica brasileira.

UMA EXPERIÊNCIA, UMA VIDA

Este texto fala das relações de poder e da falta de opções, que os mais cínicos chamam

UNA EXPERIENCIA, UNA VIDA

31

Este texto habla de las relaciones de poder y de la falta de opciones que aquell@s más cínic@s llaman destino.

MENINAS DOMÉSTICAS

32



No Brasil, elas são mais de 500 mil. Muitas vivem o confinamento no trabalho, longe da família e fora dos bancos escolares.

ELAS DERRAM FILME

41



Entrevista com Cecília Homem de Mello, uma das roteiristas do Domésticas - o Filme.

SÓS

44

Ofereço quarto e comida para senhora, sozinha, 50 anos, em troca de trabalho (sem salário).

SOLAS

44

Doy pieza y comida a señora, sola, 50 años, a cambio de tareas (sueldo no).

O NOME DELA É LUTADORA, MAS PODE CHAMAR DE CREUZA

48



Ela começou a trabalhar aos dez anos de idade. Hoje é a presidente do Sindicato de Trabalhadores Domésticos da Bahia e da Confederação Nacional de Trabalhadores.

DOMÉSTICAS CIDADÃS

52

O Sindicato dos Trabalhadores Domésticos do Município de São Paulo é uma das provas de que as trabalhadoras domésticas são uma categoria profissional.

Nas bases da CASA e da pirâmide SOCIAL

* Fotos Dudu Cavalcanti / N Imagens



Hildete Pereira de Melo é professora da Faculdade de Economia da Universidade Federal Fluminense, doutora em Economia pelo Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Vice-presidente do Instituto dos Economistas do Rio de Janeiro (Ierj) também foi membro titular do Conselho Regional de Economia (Corecon/RJ), membro efetivo do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher, gestão 1985/89.

Autora de várias publicações, entre elas o Dicionário das Mulheres do Brasil (Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2000) no qual fez a coordenação da pesquisa e da redação dos verbetes, Hildete é casada, tem três filhos e três netos. Nesta entrevista, Hildete analisa o mercado de trabalho relacionado aos serviços domésticos

Maria, Maria - Por que as empregadas domésticas ganham tão pouco?

Hildete Pereira de Melo - Porque esse é o pior posto de trabalho da economia. E sabe por quê? Porque o trabalho doméstico é lugar de mulher. A sociedade vê diferente o trabalho doméstico das outras formas de

assalariamento. Por exemplo, quando Getúlio Vargas, em 1943, regulamentou o mercado de trabalho, ficaram de fora os trabalhadores rurais e as empregadas domésticas. A justificativa para excluir os trabalhadores rurais era de que o trabalho rural não tinha a mesma dinâmica do trabalho urbano. Com as

empregadas domésticas, que foi a justificativa da exclusão. Porque o trabalho delas era visto como uma extensão das tarefas femininas. E entende-se que as mulheres fazem esse trabalho por afetividade, por amarem o marido, organizam a casa.



MM - *A desvalorização do trabalho doméstico é histórica?*

Hildete - No passado, não havia uma separação entre as atividades produtivas e o cotidiano. Mulheres, homens e crianças se misturavam na produção cotidiana da vida. Nos últimos duzentos anos, a sociedade industrial separou a produção dos bens do âmbito familiar. As famílias passaram a ser unidades de consumo e essa separação trouxe conseqüências para os papéis femininos e masculinos. Por exemplo, a mulher ficou responsável pelo cuidado da família e da casa, sem ganhar um tostão por isso. E a partir do momento em que a mulher entra no mercado de trabalho, ela vivencia uma nova desigualdade de gênero: a dupla jornada.

MM - *E um trabalho feito por amor não tem valor de mercado.*

Hildete - A primeira vez que nós, feministas do Centro da Mulher Brasileira, visitamos a então Associação Profissional dos Trabalhadores Domésticos do Rio de Janeiro, embrião do atual Sindicato, na década de 70, estávamos muito preocupadas com a questão dos baixos salários das domésticas.

E ficamos surpreendidas quando as dirigentes da Associação disseram que a maior preocupação não era com o salário, mas com a **valorização** do trabalho que elas faziam, a valorização da trabalhadora **doméstica** remunerada. Segundo elas, a empregada doméstica tinha de parar de ser vista como um **ranço da senzala**, um resquício da **escravidão**.

MM - Você acha que qualquer mulher é capaz de realizar tarefas domésticas?

Hildete - Quando a sociedade diz isto, significa que é um trabalho sem nenhuma qualificação. Ou seja, qualquer mulher sabe limpar bule, cuidar de nenê, varrer a casa, cuidar de velhos. O trabalho doméstico é entendido como algo natural.

MM - Todo mundo diz que na Europa e nos Estados Unidos o trabalho doméstico é mais valorizado do que no Brasil.

Hildete - Nem na Europa nem nos Estados Unidos, o trabalho doméstico é realmente valorizado. A questão é que os países ricos têm uma organização sindical mais forte e um processo de desenvolvimento econômico mais dinâmico, mais ativado. Portanto, há muito mais oportunidades de trabalho para as mulheres. Mas as que estão no trabalho doméstico, a maioria imigrantes, estão oprimidas materialmente. Elas ganham bem mais do que as daqui, mas a vida é também muito mais cara.

Não podemos nos iludir: o batalhão de equatorianas, guineenses, ruanas, brasileiras etc. que estão em Nova York trabalhando como domésticas fazem muita economia, trabalham jornadas enormes para conseguir juntar alguma coisa.

E, claro, quando voltam para os seus países, estão mais “ricas” do que quando chegaram, mas os países que ganharam em moeda forte e seus países são muito pobres.

MM - Em que medida uma relação mais despersonalizada, portanto mais profissional, entre patrões e empregadas melhora a renda e a qualidade de vida da doméstica?

Hildete - Na realidade, o que nós observamos, até por conta do maior número de domésticas com carteiras assinadas, que chegam a quase 24%, é que a categoria está mais consciente dos seus direitos. Direito a férias, aposentadoria, entre outros, levam a uma profissionalização. Ou seja, aquela agregada, aquela criadinha - era um pouco a herança da escrava - vai sumindo e, no lugar, surge uma relação mais definida no tocante às leis do trabalho, ao horário de trabalho.

MM - Como é que fica a jornada de trabalho para as que dormem na casa dos patrões?

Hildete - Bom, o trabalho de uma casa não pára. Existem coisas para fazer o tempo todo! Se você é a dona da casa, a patroa, você pode decidir: hoje eu não vou lavar os pratos, vou deixá-los em cima da pia. Não vou fazer comida hoje, vou comer fora. Mas se você é empregada, você não tem como deixar de se submeter. A patroa



traga um copo d'água, tire esse lixo que o menino deixou no chão, venha limpar. Agora, não há dúvida de que estamos caminhando para um mercado mais regulado, com mais direitos para as trabalhadoras. Nos grandes centros urbanos, as jornadas de trabalho estão mais definidas: a empregada chega pela manhã e vai embora à tarde.

MM - *Todas as categorias têm um poder de pressão, umas mais do que outras. Qual o poder de pressão de uma trabalhadora doméstica?*

Hildete – Muito baixo, as domésticas estão pulverizadas, cada uma trabalha em uma residência e, assim, uma organização dessas trabalhadoras é difícil.

Mas tente imaginar uma greve de empregadas domésticas. Iria parar tudo! Imagine as mulheres da classe média, que são as grandes empregadoras, elas viveriam o caos.

Porque as mulheres da classe média entraram em massa no mercado de trabalho, tendo as domésticas como retaguarda. As empregadas ficam com as crianças, cuidam da comida, da casa.

MM - *Bom, a empregada doméstica cuida dos filhos e da casa da patroa, e quem cuida dos filhos e da casa dela?*

Hildete - Há uma rede muito grande e eficiente nas comunidades de baixa renda. Como não há creches para os pequenos, é comum a doméstica pagar para uma outra mulher ficar com as crianças e olhar a casa. Ou então, a menina mais velha cuida dos mais novos, e assim vai.

MM - *Onde estão a maioria das trabalhadoras brasileiras?*

Hildete - Nos serviços, 80% das mulheres brasileiras trabalham nesse setor. A indústria só absorve 10% da mão-de-obra feminina. São professoras, auxiliares de enfermagem, funcionárias públicas, manicures, cabeleireiras, empregadas domésticas.

MM - *O trabalho doméstico está em extinção?*

Hildete - De forma alguma. No Brasil, há quase cinco milhões de mulheres vivendo dele. É a maior profissão da mulher brasileira. Houve uma época em que todo mundo dizia que esse trabalho desapareceria com o desenvolvimento do capitalismo. Mas isso não é verdade, esse setor continua crescendo no Brasil. Mesmo com a crise dos anos 90, o emprego doméstico foi o segundo que mais cresceu. Primeiro os/as ambulantes, depois as domésticas.



Dormir na casa dos patrões significa, na maioria das vezes, não a liberdade, a espontaneidade e a possibilidade de receber uma pessoa afetivamente especial.

Maria José Moreno Ruiz, uma escritora espanhola morando no Chile, utilizou a linguagem da ficção para contar o aniversário de Soledad, que convida quatro amigas, todas domésticas, para um brinde na sala de estar da patroa.

O grande

BERÇO

Maria José Moreno Ruiz
Tradução de José Humberto Fagundes



Não é todos os dias que uma empregada completa 32 anos. A cada aniversário, por mais insignificante que possa parecer a vida de uma empregada, é difícil resignar-se a um balanço. Por isso, estremeço um pouco a cada 23 de junho. Às vezes, penso que as vidas de minhas amigas, Aparecida, Fernanda, Júnia e Elisa, são como a minha. Vidas auxiliares de outras vidas, em si mesmas substituíveis e dispensáveis. Algumas noites consigo corrigir o rumo desses pensamentos rebeldes, pois não é qualquer uma que é minha amiga. Portanto, a lógica básica me aponta que, se são minhas amigas e sou feita

dos momentos que compartilhamos, então essas mulheres são substituíveis, nem disponíveis.

Se eu morresse amanhã, o seu Júlio sofreria imediatamente desgosto. Quando chegasse à casa à noite, ninguém teria cuidado sobre a sua cama três cores de cores diferentes para que escolhesse a seu bel-prazer.

Ah, minha hora também seria prejudicial. Ninguém colocaria, às 18h, em ponto, as pedrinhas artísticas ao lado da banheira para seu merecido descanso antes de retornar do trabalho. Será que e minhas amigas tampouco recebemos isso? As crianças Jorginho e Inês, iriam sair mais, pois não contam com tantas pessoas para abraçá-los e interessar por suas rotinas, quando-lhes tempo, com abstração e profissionalismo.

A semana seguinte seria diferente. O incômodo cadáver já estaria desaparecido, levando a recordação de morte.

Um conhecido ou alguma amiga já teriam recomendado alguma "menina" (não a chamariam de mulher, mesmo se tivesse 60 anos e pudesse apenas arrastar a sua alma) para **cozinhar, passar, limpar, calar, dar carinhos, madrugar, ficar sem dormir.**

Melhor ainda sem filhos, "porque hoje em dia as famílias com empregadas já fazem esforço suficiente para dar-lhes trabalho e não podem arcar com peso extra". Tampouco podem estudar, pois pressionaria os horários. Que sirva como uma serva, sorrindo suave e docemente.

É claro que se o Sr. Júlio, ou a própria senhora, morressem amanhã, provavelmente teriam muito mármore em seus túmulos, além de um padre pago para marcar presença no funeral e um lugar mais frondoso no cemitério. Porém, entre as mortas, existem muitas imprescindíveis, pessoas que nunca chegaram a pensar que são substituíveis e dispensáveis. O mundo fodido deles, importante e críptico, também continuaria sem elas.

Duvido que nos minutos finais do Sr. Júlio ou da senhora alguém chegasse a comentar que eles não haviam sido muito humanos com as empregadas. Eu não quero só pão e domingos livres.

Quero também ilusões, amor, autonomia, poder, beleza, teatro, aromaterapia, carinho, sexo, respeito e futuro.

Por isso, não quero me sentir culpada por tomar emprestado o salão de festas dos patrões, neste 23 de junho, para comemorar o meu aniversário. De qualquer forma, eles continuarão desfrutando de suas férias e eu limparei tudo depois, como sempre faço nas festas que eles promovem, nas quais se suja tanto como se as coisas se limpassem por si só. Se eu uso o salão, sem saber, os patrões terão sido um pouco mais justos e comemorarei com uma ponta de alegria alheia o meu aniversário de 32 anos.

Passei 12 anos entre estas paredes. A propriedade da casa deveria ser compartilhada com as domésticas com o decorrer do tempo, como aconteceu nos regimes conjugais, no matrimônio e às vezes até em ocupações de propriedades. Se algum Deus existisse e fosse bom, não um desses deuses feitos na medida das senhoras, sem dúvida, apoiaria essa iniciativa. Talvez o que Deus não perdoasse fossem rebeliões submissas e cheias de culpa.

A cumplicidade do céu manifestou-se mais uma vez para não deixar dúvidas em relação a seu compromisso: meu aniversário de 32 anos caiu num domingo. Quer dizer, nada menos do que o dia livre de minhas amigas, as mulheres que compartilham da minha vida.

Elas consideraram muito ousado de minha parte o convite para a reunião na casa dos patrões. No entanto, não houve desistências.

As 16 horas em ponto, **estavam todas lá.** Provavelmente, haviam esperado durante horas o momento da **reunião** em seus quartos diminutos e escuros como um **buraco imundo.**

Por um lado, sentiam-se cúmplices do meu atrevimento. Por outro, senhoras por um dia, convidadas por outra senhora a comemorar uma data importante, compartilhando o chá, as poltronas macias e a grande cristaleira descortinando o jardim.

Sem dúvida, cada uma tinha feito um esforço para trazer o vinho ou o espumante, o queijo, o pão ou o chocolate. Por isso, fiquei emocionada até a raiz dos cabelos com os pequenos presentes que me trouxeram, além das bebidas e guloseimas.

Ao me entregar os regalos, os olhos **brilhavam e pediam desculpas** por não haver trazido coisas "**mais finas**".

Eu havia cortado umas flores do jardim e as coloquei no vaso azul. As flores pareciam estar contentes, em participar da nossa reunião. Não ocupamos os sofás, mas as cadeiras ao redor da mesinha redonda. Assim, estávamos mais perto umas das outras, mais atentas à companhia mútua.

Levantamos as taças de vinho lentamente, em silêncio, como no ritual de uma missa.

Aparecida fez o brinde:

- A nossa amiga Soledad. Que continue sendo amiga e tranqüila. Que nunca fique só, que tenha a nós, a sua família e uma cama aquecida no calor das noites compartilhadas.

Bebemos depois em meio a sorrisos um tanto nervosos, meu agradecimento e meu pensamento perdendo-se nas mãos calejadas de minha mãe, enquanto ouvia a saudação de Aparecida. Pensava também em minhas duas irmãs, empregadas em outras casas, trabalhando trancafiadas como freiras sem opção, a expiar os pecados do mundo com trabalho e clausura.

E revivia os nossos sonhos de **menina pobre**, desnuda, sapato com a fôrma nas mãos, à espera de um **príncipe** belo, bom e **endinheirado** que transformasse a **miséria** num pesadelo do **passado**.

Entrando penosamente no terreno do presente, pensava em minha cama pequena como um grande berço. À minha espera, frio e sereno a cada noite, como única testemunha do meu corpo ávido, retorcendo-se pontualmente em masturbações pouco resignadas a este celibato involuntário que assola tantas mulheres pobres, sem tempo nem recursos para conhecer homens, sem espaço para recebê-los. Muitas vezes, vivendo um amor pseudoplatônico, que nos mantém durante a semana ou durante o mês, com a lembran-

ça viva do dia em que nossas carnes se tocaram.

"Noites compartilhadas". Isso parecia um desejo obscuro em nosso trabalho, uma transgressão. De vez em quando, algumas mulheres progressistas lembram publicamente, porque o espaço público também é delas, que é preciso prevenir o abuso sexual contra as empregadas domésticas. Não sei até que ponto lhes importa o nosso bem-estar e, menos ainda, o nosso prazer. Sempre falam de abuso sexual contra nós, mas nunca de nossa sexualidade, embora ela também esteja presa enquanto nos mantemos encerradas.

A verdade brotou de mim com amargura.

- Talvez o que elas buscam, no fundo, com esse discurso é o desejo dos seus homens, que querem manter relações sexuais com a empregada. Que ela aceite o abraço que nunca tem. Mesmo que venha de um senhor que supostamente nasceu para abraçar corpos de senhoras, não corpos de mulheres como nós.

Sabíamos que Júnia falava sem dizer que se tratava de um dilema que estava vivendo.

- Na confusão das palavras, a empregada pode esquecer por um segundo que o seu lugar não é o de uma **mulher desejada e com desejo**. Quando uma doméstica se **coloca** dessa forma, o mundo a **considera ridícula**.

Às vezes, o mundo também se esquece da hierarquia, mas na maioria das vezes não dura nem um segundo, apenas uma fração. Talvez seja por isso que não se perdoa a mulher que dorme com o patrão. Embora seja ele o único homem que ela vê diariamente.

Também sabíamos que Aparecida falava de uma recordação.

- Não é surpresa que a **compreensão** contemple somente a pobre empregada **violada, abusada, e não a empregada que sente desejo**. O prazer é **revolucionário**.

Fernanda falava a partir de outro ponto de vista, da mulher feliz de desejar outras mulheres e solidária com todas as vítimas de machismo, principalmente do machismo sexual.

- Enquanto isso, como se a empregada fosse uma boneca de pano utilizável, na casa ocorriam beijos, abraços. As molas do colchão rangiam nas noites. Os cafés da manhã eram cúmplices da celebração. E as manchas de sêmen, nós, empregadas, tínhamos de limpar pela manhã. Novamente, eu falava com mais raiva do que resignação.

- Em um mundo tão injusto, a empregada se acostuma até a andar de cabeça para baixo, caso lhe peçam. E acaba parecendo normal que nós não tenhamos direito a nada mais do que a simples migalhas de voyeur do casal da casa e, claro, ao longo dos anos, também de seus amantes. O direito de ver a novela das 7 e a novela da casa, ouvindo as conversas e os álibis preparados para os amantes da patroa ou do patrão, aliava-se ao desempenho de um papel próprio: os termos de referência para o trabalho das domésticas incluem ser mudas e cúmplices das atividades ocultas dos patrões.

- Se, no entanto, é permitido a uma empregada sortuda ter um par fixo, nada de flerte ou de deitar-se com outros. Parece que na divisão moral feita pelos ricos, se nos descuidarmos, sempre tocará aos pobres a parte maior da cruz, com a sua carga de culpa e castigo.

Enquanto ouvíamos Júnia falar, percebemos que tinha decidido sobre o seu dilema.

- Vocês, pelo menos, podem dizer que têm alguma coisa com um homem.

Para mim, **minhas amantes**, aos olhos do mundo, têm de ser sempre, na mesma casa em que vivo, as supostas **primas do norte** que vêm de **passagem**. A gente se sente uma eterna adolescente, **pecando furtivamente** e quase sem esperança de se tornar **adulta** um dia.

Fernanda queria o nosso reconhecimento sobre a sua dificuldade extra de uma mulher que ama mulheres. Mas a verdade é que nós tínhamos um sentimento definido sobre isso. Também gostaríamos de poder dizer, inocentemente, na casa em que trabalhávamos, que um primo nos visitaria. Afinal, quando a sexualidade feminina é considerada qualquer coisa que não inclua o sexo, passiva, sempre um reflexo, quase sempre uma ostentação para uma empregada doméstica, então amar mulheres era a melhor maneira de passar despercebida. Nos abraços entre mulheres, somente percebe-se algum tipo de irmandade entre as mais vulneráveis. Adivinhávamos, por outro lado, que era uma vitória pírrica viver escudada em mentiras e segredos, refugiada na onipresente negação de que se nasce questionada e discriminada no instinto até por si mesma. Durante toda a conversa, Elisa havia se limitado a ouvir, a sentir e a dar suaves tragos em sua taça de vinho. Era uma amiga querida. Mas, tornava-se difícil para

nós extrair algo mais profundo de uma ouvinte silenciosa, nem a favor nem contra e, no pior dos casos, pairando acima das coisas que nos revoltavam. Nos temas difíceis de abordar, todas as ajudas são bem-vindas. Por isso, os olhares em peso voltaram-se para ela.

- O que querem que eu diga? Não sei se por **sorte** ou **desgraça** estou em outra... desde pequena, descobri a **auto-satisfação** e desde então sou uma **viciada**. Tive alguma curiosidade por **amigos**. Mas, para o prazer, ninguém melhor do que eu mesma. Sempre há mais opções e **realidades** do que se **imagina**.

- É domingo de tarde. O que faremos daqui a algumas horas? Vamos dormir ou nos rebelamos? Fernanda queria levar o coletivo mais longe.

- Não é fácil rebelar-se. O que vamos dizer, que frases usar? Falta-nos palavras, pois não fomos aos mesmos colégios e universidades que eles. E quando os sentimentos de nossas entranhas de "gente simples" não são traduzidos na mesma linguagem por eles utilizada - como agora -, os próprios sentimentos também são por eles desqualificados.

Em seguida, a conversa se banalizou. Como mulheres adultas, necessitávamos descansar. Umas risadas, um esquecimento, uma anestesia, uma esperança, para poder voltar à noite para o nosso grande berço.

Dormir en la casa del patrón o la patrona, además de muchas otras restricciones del uso de espacio en la idea que tenemos comúnmente del hogar, significa la mayoría de las veces no tener la libertad, la espontaneidad, la posibilidad de invitar a esa persona especial.

María José Moreno Ruiz, escritora española, viviendo en Chile, utilizó un lenguaje de ficción para relatar el cumpleaños de Soledad, que convida a cuatro amigas, todas trabajadoras de casa particular, para un brindis en el salón de l@s patron@s. En la ocasión ellas comienzan a hablar de amores y prohibiciones.

La Cuna Grande

María José Moreno Ruiz

No todos los días una servidora cumple 32 años. Cada aniversario, por poca cosa que sea la vida de una, es difícil resignarse a hacer balance, y por eso me estremece un poco cada 23 de junio. A veces pienso que las vidas de mis amigas, las de Aparecida, de Fernanda, de Junia y de Elisa son como la mía, vidas auxiliares de otras vidas, en sí mismas reemplazables y dispensables. Y ahí algunas noches consigo corregir el curso de estos pensamientos rebeldes, porque no cualquiera es mi amiga, y entonces por matemática básica, si ellas son mis amigas y los resquicios que compartimos me hacen, entonces estas mujeres no son reemplazables ni dispensables.

Si yo muriese mañana el señor Julio se disgustaría mucho desde luego, llegaría por la noche y nadie le tendría tres camisas de tonos diferentes sobre la cama para que su capricho elija. La señora también estaría afectada, nadie le tendría a las 6 en punto sus piedrecitas de aromaterapia al lado del baño para su merecido descanso cuando vuelve del trabajo. ¿Será que no lo merecemos mis amigas y yo?. L@s niñ@s, Jorgito e Inés, lo sentirían más, al final tampoco tienen tantas personas que l@s abrazan, y se interesan en sus rutinas con tiempo, dedicación y profesionalidad.

La semana siguiente sería diferente. El incómodo cadáver ya habría desaparecido llevando su recuerdo de muerte.

Un conocido o alguna amiga ya les habría **recomendado** alguna "niña", (no la llamarían mujer aunque tenga 60 años y apenas pueda arrastrar el alma), **para que cocine, planche, limpie, calle, dé cariños, madrugue, trasnoche y mejor sin hij@s** "porque en estos tiempos las familias con empleadas ya suficiente esfuerzo hacen para darles trabajo y **no se pueden permitir cargas extras**" y que no estudie porque eso presiona los **horarios** y sirva como sierva con **sonrisas de paz blanda**.

Claro que también si don Julio, o ella misma, la señora, muriesen

mañana, probablemente iban a tener más mármol en sus tumbas, habrían podido pagar un cura con más presencia en su funeral y un sitio más frondoso en el cementerio, pero también entre l@s muert@s hay much@s imprescindibles, personas que nunca llegaron a pensar si son reemplazables y dispensables. Su jodido mundo, importante y críptico, seguiría también sin ell@s.

Dudo que en los minutos finales de don Julio o de la señora algun@ llegase a atisbar que no han sido tan human@s con una servidora. Que yo no solamente quiero pan y domingos libres, sino también ilusiones, amor, autonomía, poder, belleza, teatro, aromaterapia, cariño, sexo, respeto y futuro. Por eso no quiero sentirme culpable por tomar prestado su salón este 23 de junio para celebrar mi cumpleaños, total, ell@s seguirán disfrutando sus vacaciones, yo lo limpiaré todo después como siempre lo hago en las fiestas que ell@s hacen, en las que se ensucia como si las cosas se limpiasen solas. Si yo tomo su salón ell@s serán sin saberlo un poco más just@s y yo celebraré con una pizca de alegría prestada el aniversario de mis treinta y dos años sobre la tierra. He pasado entre estas paredes 12 años, la propiedad de la casa debería ser compartida para las domésticas con el tiempo, como pasa en los regímenes conyugales en el matrimonio y a veces hasta en las ocupaciones de

propiedades. Si algún dios existiera y fuera bueno, no uno de esos dioses hechos a medida de l@s señor@s, sin duda apoyaría esta empresa. Tal vez lo que Dios no perdonase serían rebeliones sumisas y culposas.

La complicidad del cielo tuvo otra manifestación para no dejar lugar a dudas de su compromiso: mi cumpleaños 32 cayó en domingo, y eso es nada menos que el día libre de mis amigas, las mujeres que comparten mi suerte.

A ellas les pareció muy osado por mi parte la invitación que les hice a la casa de la señora y don Julio, no obstante no hubo deserciones, a las cuatro en punto estaban todas. Probablemente habrían esperado durante horas el momento de la reunión en sus piezas diminutas y oscuras como agujeros cochambrosos. Por un lado se sentían cómplices de mi atrevimiento, por otro señoras por un día invitadas por otra señora a celebrar una fecha importante compartiendo el té, los sillones mullidos y la cristalera grande mostrando el jardín.

Sin duda cada una había hecho un esfuerzo para traer el vino o la gaseosa, el queso, el pan o el chocolate.

Por eso me emocionaron hasta la médula los pequeños regalos que además me hicieron. Me los entregaron con ojos brillantes y disculpas por no haber traído otra cosa "más fina".

Yo había cortado unas flores del jardín y las puse en el florero azul. Me pareció que las flores estaban como contentas en nuestra reunión. No ocupamos los sofás, sino sillas al rededor de la mesita redonda, así estábamos más cerca unas de otras, más alertas a la mutua compañía.

Levantamos las copas de vino lentamente, en silencio, como en un ritual de misa. Aparecida hizo el brindis:

- Por nuestra amiga Soledad. Que siga siendo amiga y ancha. Que nunca esté sola, que nos tenga a nosotras, a su familia, y una cama encendida con el calor de las noches compartidas.

Bebimos después entre risas algo nerviosas, mi agradecimiento y las ideas yendóseme con el saludo de Aparecida a las manos gruesas de trabajo de mi madre; a mis dos hermanas, también internas en otras casas, trabajando "puertas adentro"

como monjas sin opción que expian los pecados del mundo con trabajo y clausura; a nuestros sueños de niña pobre, descubierta, zapato de nuestra horma en mano, por un príncipe bello, bueno y adinerado que pusiera en pesadilla de pasado las miserias;

y también entrando más penosamente en el terreno del presente, en mi cama pequeña como una cuna grande, esperándome fría y serena cada noche, como único testigo de mi cuerpo ávido, retorciéndose puntualmente en

masturbaciones poco resignadas a ese celibato involuntario que nos cae a tantas mujeres pobres, sin tiempo ni recursos para conocer hombres, sin espacio para invitarlos; viviendo muchas veces por años un amor pseudo-platónico que nos mantiene durante la semana, o durante el mes con la memoria del día en que las carnes se tocaron.

“Noches compartidas”, eso pareciera un deseo obscuro en este trabajo, una transgresión. De vez en cuando algunas mujeres progresistas recuerdan públicamente, porque el espacio público también es de ellas, que hay que prevenir el abuso sexual a las trabajadoras de casa particular. No sé hasta qué punto les importa nuestro bienestar, y menos aún nuestro placer. Siempre hablan de abuso sexual sobre nosotras, pero nunca de nuestra sexualidad, aunque ella esté presa también mientras estamos encerradas. – Me salió la verdad con amargura.

- Tal vez en el fondo lo que ellas vigilan con ese discurso es el deseo de sus hombres, que quieran echar un polvo con una, y una acepte el abrazo que nunca tiene, aunque venga de un señor que supuestamente nació para abrazar cuerpos de señoras, no cuerpos de mujeres como nosotras. – Sabíamos que Junia hablaba sin decirlo de un dilema que estaba viviendo.

- Una, en la confusión de las salivas, puede olvidar por un segundo que su lugar no es el de una mujer deseada y con deseo. Cuando una doméstica se pone ahí el mundo la llama ridícula.

El a veces también olvida la jerarquía, pero la mayoría de las veces no durante un segundo sino una fracción. Será por eso que no se perdona a la mujer que disfruta durmiendo con el señor, aunque sea el único hombre que ve a diario. – También sabíamos que Aparecida hablaba de un recuerdo.

- No sorprende que la comprensión solamente es para la pobre empleada violada, abusada, no para la empleada con deseo. El placer es revolucionario. – Fernanda hablaba desde otro lugar, desde la mujer contenta de desear a mujeres y solidaria con toda víctima del machismo, en particular del machismo sexual.

- Y mientras tanto, como si una fuese una útil muñeca de trapo, en la casa hay besos, abrazos, muelles que chirrían en las noches, desayunos cómplices de celebración, manchas de semen que nosotras tenemos que

limpiar por la mañana. – Yo hablaba de nuevo con más rabia que resignación.

- En un mundo tan injusto una se acostumbra hasta a andar patas arriba si le piden. Nos acaba pareciendo normal que nosotras no tengamos derecho más que a puras migajas de voyeur de la pareja de la casa, y claro, a lo largo de los años también de sus amantes. El derecho a ver la telenovela de las siete y a la novela en casa escuchando las conversas y las coartadas con los amantes de la señora, o del señor, en ocasiones con un papel propio: los términos de referencia de las domésticas incluyen ser muda, cómplice, encubridora de ellos y de ellas.

- Sí, pero a una con suerte le permiten tener uno fijo, nada de flirteo o cama con otros. Parece que en el reparto de moral que hacen l@s ric@s, si nos descuidamos, siempre nos toca la mayor porción de cruz a l@s pobres, con su carga de culpa y de castigo. – Cuando escuchamos a Junia hablar así vimos que había decidido sobre su dilema.

- Y por lo menos vosotras podéis decir que tenéis algo con un hombre, para mí mis amantes han tenido que ser siempre a ojos del mundo, en la casa misma donde vivo, las supuestas primas del norte que vienen de paso. Una se siente eterna adolescente pecando a hurtadillas y casi sin la esperanza de hacerse mayor un día.

Fernanda quería nuestro reconocimiento sobre su dificultad añadida como mujer que ama a mujeres, pero la verdad es que el resto teníamos sentimientos encontrados sobre eso. También nos gustaría poder decir inocentemente en la casa de trabajo que teníamos un primo de visita. Al final, cuando la sexualidad femenina es considerada cualquier cosa que no incluya el sexo, pasiva, siempre

un reflejo, casi siempre ostentosa para una empleada doméstica, entonces amar mujeres era la mejor manera de pasar desapercibida, porque la gente en los abrazos entre mujeres solamente percibe algún tipo de hermandad entre débiles. Adivinábamos también del otro lado que era una pírrica victoria vivir parapetada en mentiras y secretos, refugiada en la omnipresente negación de lo que a una le nace, cuestionada y discriminada en el instinto hasta por una misma.

Durante toda la conversa Elisa se había limitado a escuchar, asentir y dar leves sorbos a su vaso de vino. Era una amiga querida, pero también nos era difícil sacar un poco de lo más hondo con una oyente silenciosa, no involucrada a favor ni en contra, en el peor de los casos como por encima de las cosas que nos revoltaban al resto. En los asuntos difíciles de contar una necesita todas las ayudas, por eso las miradas se volvieron hacia ella.

- ¿Qué queréis que os diga?, yo no sé si por suerte o por desgracia estoy en otra... desde pequeña descubrí la autosatisfacción y desde ahí estoy viciada con ella. Amigos sí, tendría alguna curiosidad, pero para el placer ninguno fue mejor que yo misma.

Siempre hay más opciones y realidades de las que una imagina.

- Es domingo por la tarde, ¿qué hacemos en unas horas? ¿nos vamos a dormir o nos rebelamos?

- Fernanda quería llevar este colectivo más lejos.

- No es fácil rebelarse, ¿qué vamos a decir?, ¿con qué frases?, nos faltan las palabras porque no hemos ido a los mismos colegios, a las universidades que ell@s, y cuando no se traducen los sentimientos de nuestras entrañas de "gente simple" al lenguaje de cambio que ell@s utilizan, -como ahora-, descalifican también el sentimiento mismo.

Después la conversación se vanalizó. Como mujeres adultas necesitábamos descansar, unas risas, un olvido, una anestesia, una esperanza, para poder volver por la noche a nuestra cuna grande.

ESPELHO, ESPELHO SEU

Celina Chrispim *

A maioria dos lares brasileiros de classe média e alta têm em comum uma personagem: a doméstica. Consideradas por todos como a fiel escudeira do reino doméstico, essa profissional é também responsável por instaurar e manter o equilíbrio entre os que habitam esses lares - pais e filhos, passando por avós e outros parentes agregados e chegando aos amados bichinhos de estimação.

A empregada deve cuidar de todos com habilidade e dedicação, mas a recíproca não é verdadeira. O emprego doméstico é a categoria profissional mais desvalorizada do país.

Nessa matéria, selecionamos alguns depoimentos de patroas e empregadas. Apesar de fragmentados, eles trazem elementos que podem fazer pensar, e pensar muito, sobre essa relação tão intrigante.

POR QUE TENHO EMPREGADA

“Venho de uma família de posses e empregados domésticos sempre foram comuns. Todas as minhas empregadas ficaram comigo muitos anos. Depois que casei, passei a ter duas e uma delas, a Lucinda, está comigo até hoje. Não gosto de serviços de casa, mas gosto de tudo limpo e arrumado. Fui criada assim e ter empregada é ter status.”

MARIA CECÍLIA, 57 ANOS,
DONA DE CASA, CASADA, 2 FILHOS,
SÃO PAULO - SP

“Eu enfrento três jornadas de trabalho. Sou diretora de creche, atendo casos de psicologia clínica em meu consultório e atuo no Centro de Convivência *É de Lei*, com trabalhos voltados para a prevenção de DSTs/Aids e redução de danos por uso de drogas. Por esses motivos, não teria a menor condição de chegar em casa à meia-noite e ainda lavar, passar, cozinhar e limpar. O “luxo” de ter uma empregada faz falta no orçamento, eu deixo de ir ao teatro ou ao cinema, mas prefiro abrir mão de algumas coisas e ter minha casa limpa e organizada.”

NAIME, 34 ANOS, PSICÓLOGA
SOCIAL, CASADA, SEM FILHOS,
SÃO PAULO, SP

POR QUE SOU EMPREGADA

“Vim trabalhar como doméstica porque precisava estudar e ter um lugar para morar. Não podia estudar e pagar aluguel ao mesmo tempo, então optei pelo trabalho doméstico. Cheguei em São Paulo com dezoito anos, fui trabalhar como babá de duas crianças e fiquei por três anos e meio. Tinha um relacionamento difícil com a patroa porque ela era muito estressada. Sempre fui calma, mas falo o que penso. Terminei a 8ª série e fui trabalhar em outra casa, onde estou até hoje. Cuido de uma senhora e faço todo o serviço da casa.”

ANGELINA, 24 ANOS,
DOMÉSTICA, SOLTEIRA, SEM FILHOS,
ITABUNA - BA

CONTRATOS & OSSOS DO OFÍCIO

"Normalmente, arranjo uma empregada por indicação. A primeira que eu tive foi a Rosa, que era parente de uma parente da mulher do meu irmão, era 'da família'. Conversamos e eu a contratei, ela necessitava e bateu aquela coisa do afeto, ela ficou com a gente dois anos. A prioridade eram as crianças. Eu pedia para limpar a casa quando desse. Já teve a Lucimara e hoje tem a Regina e eu digo a mesma coisa. Às vezes, acontece de a empregada quebrar alguma coisa, mas quebra porque usa. Não fico brava e nem desconto do salário, porque tem dias em que a gente não está bem e eu mesma, às vezes, quebro três pratos num dia; só peço para me avisarem o que aconteceu e tomarem cuidado com as coisas."

JACQUELINE, 37 ANOS,
DIRETORA DE CRECHE, CASADA,
3 FILHOS, SÃO PAULO-SP

"Foram muito difíceis os primeiros anos e hoje ainda é. Trabalhei em quatro casas e a melhor patroa que tive mudou-se para Curitiba. Depois, só trabalhei em casas ruins. Tinha uma patroa que colocava comida no meu prato, eu não podia me servir e tinha que agüentar calada o netinho dela me bater. Outra que me pagava só R\$ 100,00 porque eu morava na casa dela. E eu ia morar onde? Agora estou trabalhando para um casal e a mãe dele. Os dois apartamentos são muito grandes e fico cansada demais. Trabalho cada dia em uma das casas e ganho R\$350,00 pelas duas patroas."

ELVIRA, 23 ANOS,
DOMÉSTICA, SOLTEIRA, SEM FILHOS,
FEIRA DE SANTANA-BA

* Celina Chrispim é escritora e trabalhou alguns anos como empregada doméstica.

INTIMIDADE E CONFIANÇA

"Não queria que ela soubesse da minha vida e tudo o que acontecia eu guardava para mim. Não queria correr o risco de as pessoas distorcerem os fatos. Mas ela contava coisas para mim como se eu estivesse ali para escutar. Os patrões não gostavam que a gente conversasse com o porteiro porque tinham medo que a gente fosse fazer fofoca ou fosse tramar alguma coisa contra eles, como assalto, por exemplo."

ANGELINA, 24 ANOS,
DOMÉSTICA, SOLTEIRA, SEM FILHOS,
ITABUNA-BA

"É muito difícil falar em confiança, principalmente entre patroa e empregada. Não é fácil administrar uma estranha dentro de casa, mexendo em suas coisas, por exemplo, nas roupas íntimas e nas jóias. Eu só fico mais tranqüila com a Lucinda porque a conheço desde pequena e pode-se dizer que ela é quase 'da família'. Sei que ela não vai me roubar ou sair por aí fazendo fofocas. Já tive empregadas que comentavam com outras do condomínio tudo o que se passava aqui em casa. E não foram só as minhas não, outras vizinhas contaram que as suas empregadas faziam a mesma coisa. Acredito que nós, os patrões, sempre sofremos essa invasão. É realmente uma questão delicada."

MARIA CECÍLIA, 57 ANOS,
DONA DE CASA, CASADA, 2 FILHOS,
SÃO PAULO-SP

BASTIDORES

"Acho que, em algumas partes, o trabalho doméstico é importante no Brasil. Como a gente vive num país onde muitas pessoas não têm educação, essa é uma opção de trabalho. A doméstica também contribui porque consome e isso ajuda na economia, mas não é vista pela sociedade com importância. As pessoas também discriminam a doméstica porque acham que é fácil cuidar da casa e dos filhos dos outros, não dão valor ao trabalho braçal e sim ao que exige inteligência."

ANGELINA, 24 ANOS,
DOMÉSTICA, SOLTEIRA, SEM FILHOS,
ITABUNA-BA

EMPREGADAS NA NOVELA, EMPREGADAS NO COMERCIAL

"Horrível. Empregada nunca é branca. Você já viu a Tônia Carrero fazer papel de doméstica? Essa empregada de O Clone, a Dalva (interpretada por Neuza Borges) já fez algum papel de patroa? Não lembro de ter visto uma negra patroa e uma branca empregada, essa é uma imagem forte. O protótipo de patrões e empregadas na tevê e na real é o branco manda, o negro faz."

NAIME, 34 ANOS,
PSICÓLOGA SOCIAL, CASADA,
SEM FILHOS, SÃO PAULO-SP

"É engraçado que não tem mesmo negros ou gente nordestina que faz esse tipo de comercial, tipo Veja, Brastemp, Danone. Negros e nordestinos só fazem comercial de telesena. Como se a gente só comprasse telesenas. Parece que pensam que a gente não sabe fazer outra coisa."

ELVIRA, 23 ANOS,
DOMÉSTICA, SOLTEIRA, SEM FILHOS,
FEIRA DE SANTANA-BA

COMO ME VÊM

"Já passei por muitos sofrimentos como empregada. Hoje, não me sinto maltratada. Às vezes, acho que sou explorada e escravizada, mas também não dá para mudar. Sempre falam que eu sou quase da família, mas eu não acredito. As patroas falam isso principalmente quando a gente pede as contas, elas têm medo de ficar sem empregada. Mas sei que não sou da família, porque se eu fosse, sentaria à mesa com eles ou entraria pela porta da frente, da sala. Quando falam isso, deixo entrar por um ouvido e sair pelo outro."

ELVIRA, 23 ANOS,
DOMÉSTICA, SOLTEIRA, SEM FILHOS,
FEIRA DE SANTANA-BA

Quase cinco milhões de brasileiras têm no emprego doméstico sua fonte de renda. Maria Helena Lira é uma delas. O repórter José Humberto Fagundes acordou bem cedo na capital do Brasil e foi para Planaltina de Goiás registrar momentos da vida de uma trabalhadora doméstica.

O milagre de uma BRASILEIRA

José Humberto Fagundes*
Fotos: Luiz Clementino



O dia mal amanhece em Planaltina de Goiás. A maranhense **Maria Helena Lira**, 32 anos, já tomou banho e café. Trocou de roupa, passou o batom vermelho e prepara-se para sair de casa. Destino: Plano Piloto, Brasília. Em média, um percurso de 1h20min na ida e outro tanto na volta. A distância parece não ter importância. Helena sai animada, bem-disposta.

Os filhos Bruno, sete anos, e Francis Vinícius, um ano e pouco de idade, ficam sob os cuidados de Raimunda Lira de Carvalho, 21 anos, recém-casada. "Quando a cabeça não pensa, o corpo padece", lamenta-se Helena referindo-se ao casamento prematuro da irmã. Raimunda chega cedo para liberar Helena. Cuida das crianças o dia inteiro.

Bruno estuda na 1ª série do Ensino Fundamental da Escola Estadual

Complexo 9, bem próxima a sua casa. Gosta muito de andar de patins, que exibe com orgulho, e de bicicleta. Vinícius "vive correndo para cima e para baixo," observa Raimunda. É quem dá mais trabalho, até pela idade.

Os filhos são de pais diferentes. Helena não mora com nenhum deles. Ao comentar a separação recente, manifesta esperança. "Não quero saber de homem, por enquanto. A não ser que venha a rea-

mais forte. Passei para outro mais fraco e engravidei."

Os pais das crianças trabalham. Em uma empresa prestadora de serviço, o pai de Bruno. O do pequeno Vinícius, como pedreiro. O pagamento das pensões alimentícias pelos pais complementa a renda familiar. Como empregada doméstica, Helena ganha um salário mínimo e uma cesta básica no valor de R\$ 60,00. "É o suficiente para o mês, inclusive para o leite do ne-



tar com o pai do Vinícius." Logo admite: "foi cabeça quente. Ciúme bobo por causa das mulheres. E ele nem é mulherengo". É mais novo. Tem 21 anos.

Perguntada se não gostaria de uma família grande, como a dos pais dela, que tiveram 11 filhos, Helena exclama imediatamente e ergue os braços: "Deus me livre. Não pretendo ter mais nenhum". Os dois filhos nasceram sem qualquer planejamento, revela a trabalhadora. E explica que o mais novo veio com a troca do comprimido anticoncepcional. "Eu tomava um

ném", conforma-se. O transporte custa R\$ 84,00, pagos pela patroa. O salário da irmã-babá consome R\$ 50,00 mensais. "É pouco, mas serve para alguma coisa. Se tivesse condição pagaria mais. Quem sabe no futuro?" O aluguel da casa de fundos fica em R\$ 60,00.

A casa de quarto, sala, banheiro e cozinha conjugada com área é pequena e simples. Mas impecavelmente limpa. Fogão de quatro bocas, armário, tanquinho de lavar roupa e duas pias são os acessórios da cozinha/área. A exemplo do resto da casa, o piso é de



cimento, pintado de verde. Uma cama de casal, uma de solteiro, um berço e um armário tornam restrita a circulação no quarto. Geladeira, armário para louça e dois sofás pequenos, um de três, outro de dois lugares, compõem o ambiente da sala. No ano passado, havia também uma televisão. Mas queimou e um irmão que trabalha "com isso" levou para consertar em Taguatinga, cidade-satélite do Distrito Federal, e ainda não trouxe de volta.

Mas Helena sente-se à vontade. Só reclama do calor, "porque as telhas são baixas". Na verdade, a concentração de calor deve-se ao amianto das telhas. Em compensação, muita sombra entre a casa principal e a de Helena. No quintal de chão batido, galinhas e dois cachorros promovem uma intermitente algazarra, estimulados por Bruno, que os persegue de bicicleta, em meio às roupas estendidas no varal. As copas frondosas do abacateiro e da mangueira servem de abrigo para a brincadeira. Três mamoeiros, uma amoreira e quatro bananeiras ainda convivem com a moita de taioba. "É bom poder usar as frutas do quintal. O ma-

mão é uma delícia, pego direto. As amoras nem se fala."

Sobre a rotina diária, Helena diz não ter o que reclamar. Hoje, são apenas duas pessoas na casa da patroa, Cátia Pedroso Ferreira. "Gosto do trabalho, me sinto super bem e sou muito bem tratada." Ela lava, passa e arruma. Cozinha apenas para a filha de Cátia, Patrícia, pois a mãe invariavelmente não almoça em casa. O cardápio é simples. Arroz, bife, salada, com variações ao longo da semana.

Mais do que patroa, Helena assegura que Cátia tornou-se uma amiga. "Ela me ajuda na parte emocional e também a resolver problemas financeiros." Com folgas aos sábados, domingos e feriados, geralmente conclui as atividades diárias por volta de 14 horas. Aí caminha até a rodoviária, distante uns dois quilômetros do local de trabalho. O percurso é uma oportunidade de "fazer bem à saúde".

Ao chegar em casa, umas duas horas depois de deixar o trabalho, Helena tem outra rotina a cumprir. A principal delas é preparar o jantar. Às vezes, sobram louças sujas. Sem falar na organização da bagunça das crianças. Conferir se Bruno fez os deveres da escola é mais uma preocupação. Afinal, o garoto foi reprovado em 2001 e repete a 1ª série.

Nos finais de semana, Helena continua suas tarefas de mãe e dona de casa. Cuida dos filhos, cozinha, limpa e arruma. Sem esquecer que é fundamental lavar as roupas da família. As roupas da semana inteira no tanquinho. Bucha, escova, sabão e mão.

Visitar a irmã e freqüentar a 1ª Igreja Batista de Planaltina de Goiás fazem parte das atividades nessas folgas de fim de semana. Na realidade, dois dias "com pouco tempo vago". No Maranhão, freqüentava a Igreja Católica. O filho Bruno foi batizado católico. Vinícius também será. "Quando crescerem poderão escolher a que igreja irão," define Helena.

Leitora da Bíblia, cita o Salmo 23, o preferido: "o Senhor é meu pastor e nada me faltará." Outra fonte de leitura que menciona é a revista Capricho. Convicta, naturalmente bem articulada, Helena vive no entanto um pesadelo.



“As dívidas tiram o sono. Principalmente, quando fazem pressão para pagar. Devo, não nego. Pago como puder.” Mas, na época de trabalhadora autônoma, confessa que quebrou. Hoje, deve R\$ 6.000,00 ao banco. Mais R\$ 2.000,00 para uma mulher da Ceilândia, outra cidade-satélite do Distrito Federal, e R\$1.150,00 para um homem de Planaltina. Os planos são de pagar primeiro o credor de Planaltina, depois a de Ceilândia. O passo final está na negociação com o banco. “A gente quer, a gente consegue.”

Gravidez, juros, problemas de mercado, bancarrota. “Fiquei grávida e complicou.” Apesar do tormento, Helena não desiste. E garante: “eu chego lá”. Como? A resposta é decisiva.

Helena só concluiu a 6ª série do antigo Primeiro Grau. Hoje, com gente pequena em casa, muito trabalho para garantir uma vida digna, cidadã, conclui que não consegue estudar. Por enquanto.

“Mas nem que seja aos 40 anos, volto a estudar. Vou dar o máximo de mim.”

A patroa de Helena

Carinhosa, dedicada, preocupada com o bem-estar das crianças. Uma pessoa muito especial. Um anjo que caiu do céu, comemora Cátia Pedroso Ferreira a sua relação de trabalho com Maria Helena Lira. A amizade, veio depois.

Digna de todos os direitos trabalhistas, Helena é uma trabalhadora como qualquer outra. E merece toda a confiança, garante Cátia.

Empregadas domésticas são fundamentais. Cuidam da "casa da gente, da nossa família". Um suporte de grande valor para quem trabalha fora. Gaúcha de Rio Grande, Cátia chegou a Brasília há cerca de três anos para ocupar cargo importante no governo federal. Com ela, um casal de filhos na pré-adolescência. Helena começou como diarista. A princípio, prestava serviço uma vez por semana. Aos poucos, mostrou quem era. Séria, responsável, honesta, trabalhadora. Já trabalhava duas, três vezes por semana. Daí para estabelecer um contrato mensal de trabalho, mera consequência. "Não preciso dizer a ela o que fazer. Helena toma as iniciativas."

Feliz por Helena ter cruzado o seu caminho, Cátia lembra com carinho da pessoa, a empregada que cuidou dela quando pequena. Depois ajudou a criar "os meus filhos".

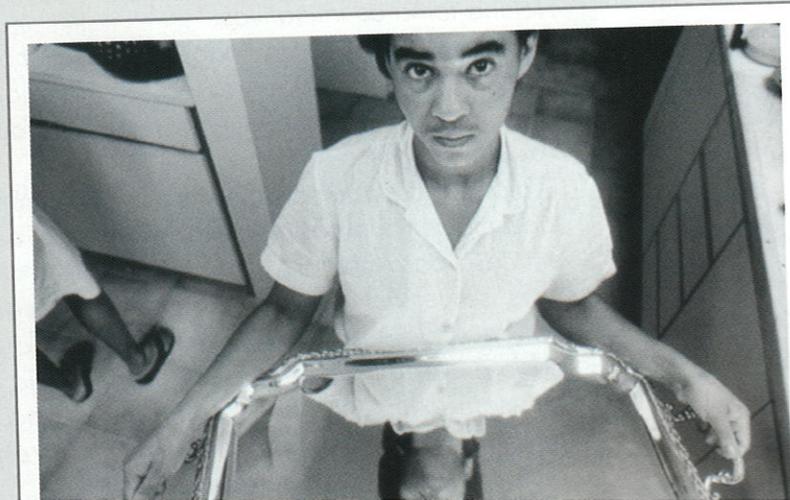
“Valorizar o trabalho doméstico é fundamental para toda mulher que trabalha fora e depende de alguém em casa para ajudar”, completa Cátia. Mas, se der ouvidos à patroa, Helena deve voltar a estudar. “Ela é inteligente, nova, esforçada e também pode progredir em outra atividade.” Cátia considera que salário-mínimo não constitui remuneração adequada para ninguém. Fundamentais são respeito, compreensão, troca, cidadania.

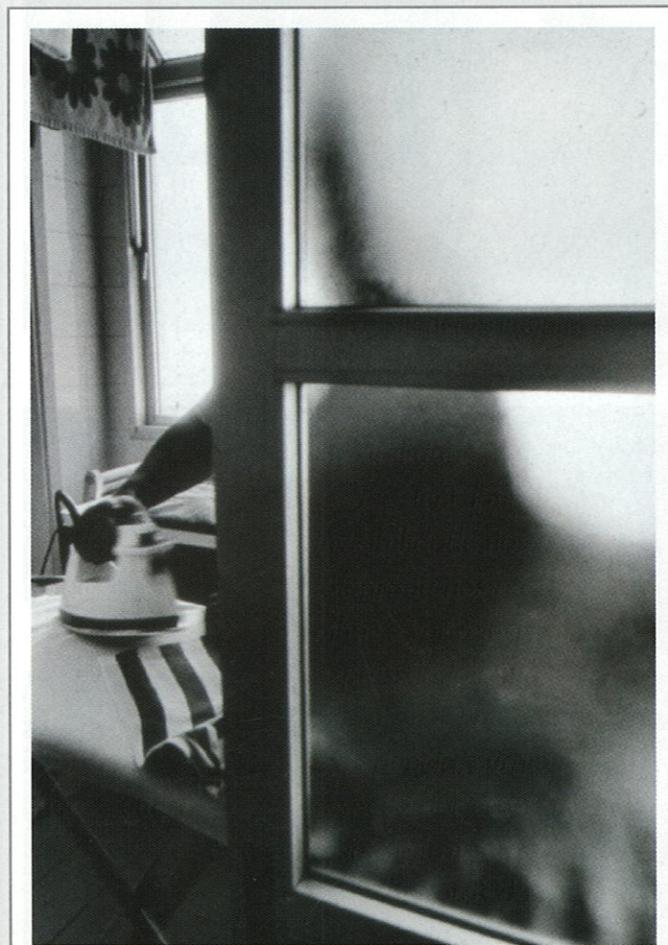
*** José Humberto Fagundes é jornalista, poeta e tradutor.**

A mulher INVISÍVEL

Maria, Maria presta uma homenagem à trabalhadora doméstica publicando um ensaio fotográfico, em preto e branco, da fotógrafa norte-americana Pamela Duffy.

Pamela estudou história da arte em Madrid e artes plásticas na Califórnia. Durante vinte anos morou em Nova York, trabalhando como fotógrafa. De 1985 a 1995, a fotógrafa passava três meses por ano no Brasil e o presente ensaio é um dos frutos de sua estada no país.





PAMELA DUFFY

Por ocasião da minha primeira visita ao Brasil, fiquei admirada com a diferença entre a classe média norte-americana e a brasileira. Aqui encontrei as casas incrivelmente organizadas e limpas, comida feita em casa, jantares para trinta pessoas, babás de 24 horas, calcinhas e cuecas passadas a ferro. Acima de tudo, me deparei com a mordomia, palavra sem equivalente em inglês.

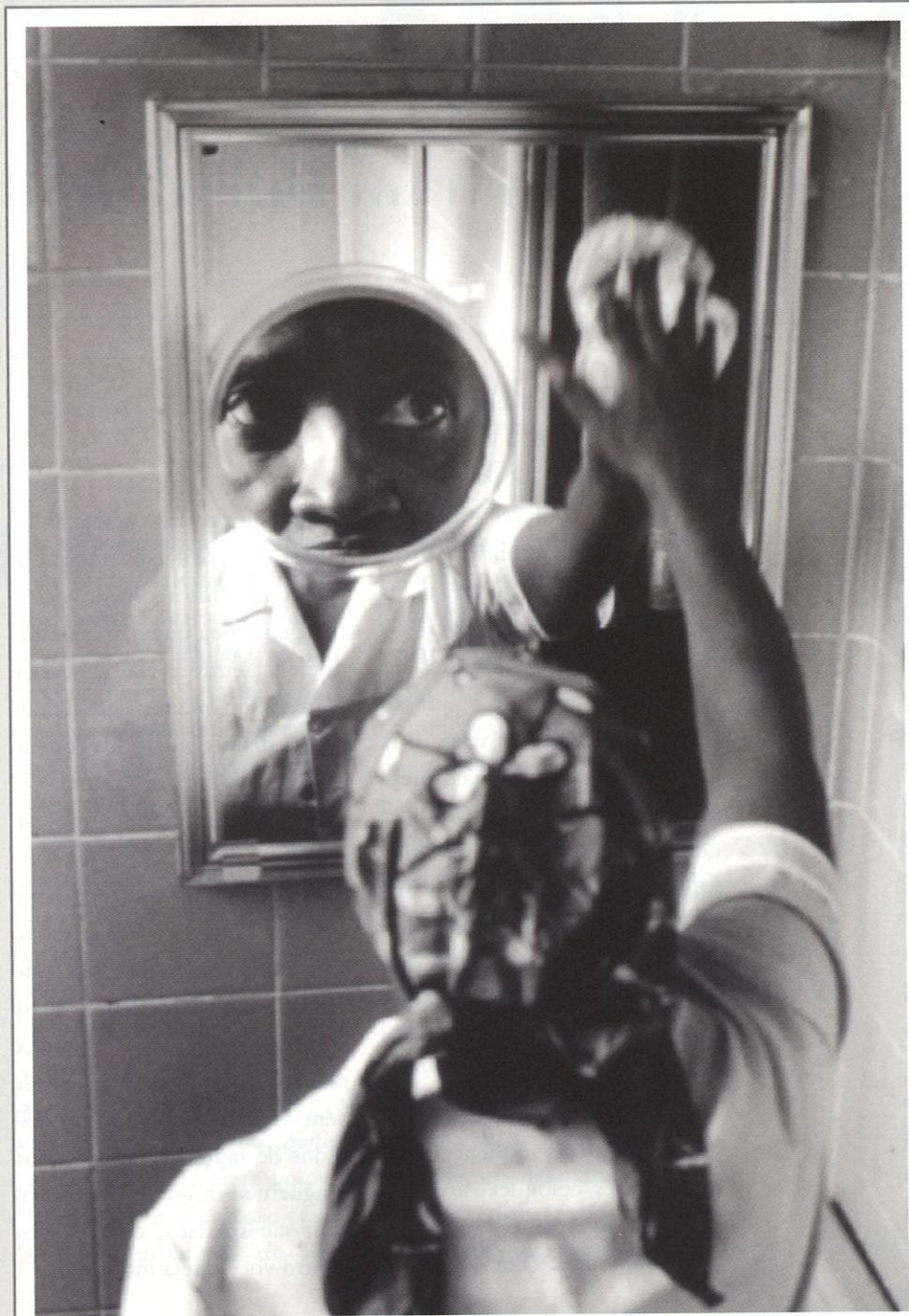
Eu comecei a pensar nessa mulher, a empregada, responsável por tantas tarefas diárias da casa e como o trabalho doméstico é capaz de mudar o modo de vida de um país. Pensei no significado de estar totalmente envolvida em servir outra pessoa e passar a vida vivendo na casa dos outros.

Para entender melhor essa relação, comecei a fotografar as empregadas nas casas onde ia e as encontrei em toda parte.

Percebi que a empregada serve silenciosamente, entra e sai dos lugares sem ser notada. Ou seja, a doméstica vive na invisibilidade.

Tentei mostrar essa invisibilidade nas minhas fotos. A fotografia nos possibilita fixar o olhar e ver o invisível, visualmente expressando o inexprimível.

Por fim, depois da experiência, surgiu um grande respeito por essas mulheres, um respeito irrestrito pelas trabalhadoras domésticas.



Este texto chegou de Santiago de Chile. Foi escrito por Soledad Contreras, empregada doméstica diarista que adora escrever.

O que ela conta, apesar de pessoal e intransferível, é universal. Pois fala de sentimentos, de relações de poder e da falta de opções, que os mais cínicos chamam de destino.

UMA EXPERIÊNCIA, UMA VIDA

Soledad Contreras
Tradução de José Humberto Fagundes

Quando comecei a trabalhar como empregada doméstica, eu tinha 25 anos. Casada, mas então separada, tinha três filhas e um filho de três meses. As duas filhas mais velhas estavam internadas em um estabelecimento misto para menores. Lá, via-se de tudo. A terceira filha foi viver com uns tios quando tinha um ano e quatro meses de idade. O bebê, eu havia arrancado bruscamente do peito para poder trabalhar.

Nos primeiros dias, eu não comia de preocupação com minhas filhas e não dormia pela dor sofrida com os seios inchados de leite sem já ter mais a quem amamentar. Mais intensa, porém, era a dor que vinha de dentro, de minhas entranhas desgarradas, porque estava servindo e atendendo a pessoas estranhas e aqueles que adorava viviam longe de mim e com um futuro incerto. Eu via o meu pequenino chorar de fome, enquanto não

suportava a dor e a febre. Aí tive de dizer à patroa o que estava acontecendo. Ela me passou uma compressa e comecei a solucionar, em parte, a minha dor exterior. Trabalhei por um mês nessa casa. Tive de mudar de emprego porque o filho de 14 anos da patroa queria saber o que se sentia tendo relações sexuais. E queria que eu fosse a sua professora. Como não aceitei, passou a odiar-me. Eu sabia que se o denunciasses não acreditariam em mim. Essa é sempre uma desvantagem para as mulheres que trabalham como domésticas, pois nunca têm razão em casos desse tipo.

Desde então, tenho trabalhado em inúmeras residências. E, muitas vezes, coloquei o avental, olhei-me no espelho e senti raiva e impotência. “Por que eu?”,

perguntei-me várias vezes. Jamais gostei do que faço, embora às vezes tenha tido a sorte de encontrar gente boa que não faz tanta diferença entre as classes sociais. Não é assim quando você tem de comer depois que todos comem e a colocam em um canto da cozinha com um prato com as sobras. Se é que sobra.

Há quem diga que o trabalho em casa de família é tão digno como qualquer outro. Mas, no fundo, não é bem assim. Quase sempre, o que importa é que você mantenha a casa limpa e atenda bem. Os seus problemas são deixados de lado, de fora, porque ninguém se importa. O que exigem são sorrisos, embora por dentro você esteja morrendo.

Este texto nos llegó de Santiago de Chile. Fue escrito por Soledad Contreras, trabajadora de casa particular diarista a quien le encanta escribir, y que como vemos, tiene muchas cosas que contar/nos. Lo que ella cuenta, a pesar de ser personal e intransferible, es también universal. Habla, desde la perspectiva que menos se escucha, de las relaciones de poder y de la falta de opciones que aquell@s más cínic@s llaman destino.

UNA EXPERIENCIA, UNA VIDA

Soledad Contreras

Cuando comencé a trabajar en casa particular tenía 25 años, casada, en ese momento separada, tenía tres hijas y un hijo de tres meses, las dos niñas mayores estaban internas en un hogar de menores mixto, donde se veía de todo. La niña número tres vivía con sus tíos desde su año y cuatro meses y al niño menor me lo había arrancado bruscamente del pecho para ponerme a trabajar.

Los primeros días no comía por la preocupación de mis hijas y no dormía del dolor que me producían mis pechos hinchados de leche que ya no tenía a quien dársela. Pero más intenso era el dolor de adentro, de mis

entrañas desgarradas, porque estaba sirviendo y atendiendo a personas extrañas para mí y a quienes yo adoraba los tenía aislados de mí y con un futuro incierto. Veía a mi pequeño llorar de hambre mientras yo no aguantaba el dolor y la fiebre, hasta que tuve que decirle a la señora con la que trabajaba lo que me estaba pasando, ella me pasó una pezonera y empecé a solucionar en parte mi dolor exterior. Estuve un mes ahí, después me cambié porque su hijo de 14 años quería saber que se sentía al tener relaciones sexuales y quería que yo fuera su profesora. Como yo no acepté, empezó a odiarme y yo sabía que si yo lo acusaba no me creerían, esa es siempre una desventaja para las mujeres que trabajan como asesora del hogar, nunca tienen

razón en esos casos.

Desde entonces he trabajado en varios lugares en lo mismo, y muchas veces me he puesto el delantal y me he mirado al espejo y he sentido rabia e impotencia, me he preguntado muchas veces “¿por qué yo?”. Nunca me ha gustado lo que hago aunque a veces he tenido la suerte de encontrar gente buena que no hace tanta diferencia de clases sociales, no así cuando tienes que comer después que todos coman y te arrinconan con un plato en la cocina y muchas veces lo que sobra, si es que sobra.

Hay quienes dicen que el trabajo de casa particular es tan digno como cualquier otro, pero en el fondo no es tan así, casi siempre importa que tu tengas la casa limpia y que atiendas bien y tus problemas los dejas al lado, afuera, porque a nadie le importan, y te exigen sonrisas aunque por dentro te estés muriendo.

MENINAS

DOMÉSTICAS

Andréia Peres*

Nos últimos dez anos, todos os focos de atenção sobre o trabalho infantil recaíram na zona rural. Falou-se muito dos cortadores de cana de Pernambuco e dos pequenos trabalhadores do sisal da Bahia. A realidade das cerca de 500 mil crianças e adolescentes empregadas como domésticas no Brasil era, até pouco tempo atrás, ignorada pela maior parte da sociedade, bem como a maioria das questões envolvendo o lar, nem sempre tão doce lar

DOMÉSTICA

"Precisa-se de babá com idade entre 10 e 40 anos, que durma no emprego, não estude e goste de criança."

DOMÉSTICA

"Precisa-se de uma moça de 12 a 17 anos, com referência, que durma no emprego, que não esteja estudando, com folga quinzenal e que goste de criança."

Os dois classificados são relativamente recentes, de setembro de 1999, e integram uma coletânea feita por Paulo Frota, juiz da Infância e Juventude de Belém do Pará, falecido no ano passado.

Apesar de os exemplos serem de um jornal do Pará, esse tipo de anúncio é publicado, segundo o estudo, de norte a sul do país. “É comum encontrar, ao lado de exigências como ‘ser limpa’, ‘não ter vícios’, ‘dormir no emprego’, ‘não ter filhos’, ‘ser educada’, a condição de que a pretendente ao emprego doméstico não estude”, afirmou o juiz em seu trabalho. “Em alguns casos ainda existe a advertência ‘favor não se apresentar quem não preencha todos os requisitos’.”

Alguns anúncios selecionados pelo juiz faziam, inclusive, exigências ainda mais **absurdas**, como o que requisitava que a doméstica fosse alta e **tivesse até 65 quilos**, além de **não estudar** como condição para ser aceita no emprego.

Entre as centenas de recortes que Paulo Frota pesquisou, só um classificado exigia que a candidata ao emprego doméstico estivesse na escola. O anúncio, publicado no jornal *Correio Braziliense*, de Brasília, chamou a atenção em meio a tantos outros que pediam exatamente o contrário.

Os classificados dos jornais pacientemente coletados pelo juiz nos alertam para pelo menos três pontos: a atualidade, a invisibilidade e a tolerância da sociedade em relação a esse problema.

Atualidade porque todos os anúncios mencionados são recentes, têm no máximo três anos. Invisibilidade e tolerância porque o fato de utilizar crianças no trabalho doméstico é encarado de forma tão natural que os patrões até publicam anúncios em jornais de grande circulação frisando a exigência de que essas meninas não devem estudar, uma postura ilegal, já que cerceia o exercício do direito fundamental à educação de toda e qualquer pessoa.

Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD) de 1999, há 502.839 **crianças e adolescentes** trabalhando como domésticas no Brasil. Apesar de 96% saberm ler e escrever e de 74% estarem estudando, os dados indicam que, quanto maior o tempo no **trabalho doméstico**, maior é o índice de **atraso escolar**.

“Conhecer a realidade do trabalho das meninas não é tarefa simples”, alerta o estudo *As Meninas e o Universo do Trabalho Doméstico no Brasil: Aspectos Históricos, Culturais e Tendências Atuais*, da socióloga Irene Rizzini, do Rio de Janeiro, e da antropóloga Claudia Fonseca, do Rio Grande do Sul.

De acordo com as autoras, até recentemente essa atividade era

ignorada pela maioria das pesquisas. O próprio relatório da Comissão Parlamentar de Inquérito sobre Trabalho Infantil (1998) consistiu quase inteiramente de denúncias e relatos sobre crianças que trabalhavam na agricultura, na indústria carvoeira etc., deixando para o emprego doméstico apenas dois parágrafos.

SEM TEMPO PARA A ESCOLA

Apesar de estarem protegidas por quatro paredes, o dia-a-dia dessas meninas é bastante duro. Segundo o economista Wilson Menezes, professor da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e um dos autores do livro *Fora de Lugar: Crianças e Adolescentes no Mercado de Trabalho* (Associação Brasileira de Estudos do Trabalho – Abet e UFBA, 2000), o trabalho doméstico é o que mais retira a criança da escola. Na região metropolitana de Salvador, a média de frequência escolar é de 92%. Quando se trata de serviço doméstico, cai para 50%.

De acordo com a pesquisa coordenada pela *Organização Internacional do Trabalho - OIT* nas cidades de Belo Horizonte, Belém e Recife, divulgada em abril de 2002, o atraso escolar entre as domésticas é de fato maior do que em outras categorias: 53,2% das crianças e adolescentes entrevistadas afirmaram já ter repetido de ano.

“O atraso escolar das meninas empregadas como domésticas aumenta, ao passo que vem caindo de forma linear para as demais crianças, sem exceção, inclusive para as ocupadas”, esclarece o trabalho *Estratégias para Combater o Trabalho Infantil no Serviço Doméstico*, de Lena Lavinás, do *Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA*. Isso sugere, conforme a pesquisadora, que esse tipo de emprego, dadas as características da jornada e da atividade, é absolutamente incompatível com a escolaridade regular e formadora: dois terços das meninas domésticas que residem no emprego e quase um terço das não-residentes não freqüentam a escola.

A jornada acima de 40 horas semanais é o cotidiano de 52,8% dessas **pequenas trabalhadoras**. A maioria delas (55,5%) nem sequer tira férias e 4% não têm remuneração. Trabalham em troca de **casa e comida**.

“O trabalho doméstico infantil é perverso, porque priva a criança do contato com a família e da vida comunitária”, afirma Polyanna Espíndola Farias, socióloga, coordenadora da pesquisa do *Centro de Defesa da Criança e do Adolescente - Cedeca* Emaús, de Belém, para a OIT.

O ambiente privado é difícil de ser fiscalizado. O lar brasileiro é inviolável, protegido pela Constituição Federal, o que torna a situação ainda mais complicada.

Em Belém, segundo Polyanna Farias, só 0,4% das meninas entrevistadas tinham registro em carteira e 4% já haviam sofrido abuso sexual no trabalho.

A pesquisadora lembra também do círculo vicioso que há no trabalho doméstico infantil. “As meninas saem de casa para estudar, para ter uma outra profissão, começam a trabalhar e vêem que não dá para conciliar estudos e trabalho. Largam a escola e perpetuam, assim, a falta de educação e o trabalho doméstico infantil”, conclui.

Isaura Alves dos Santos, 19 anos, é um exemplo disso. Sua mãe foi doméstica e ela **começou a trabalhar aos 9 anos**. Hoje, não sabe ler nem escrever. “Só sei assinar o nome”, diz, um pouco envergonhada. “É difícil estudar porque **trabalho o dia todo** e, à noite, a patroa tem medo de ficar sozinha”, explica. **Seu sonho é ser modelo**.

Para a socióloga e pesquisadora baiana Marlene Vaz, autora do livro *A Menina e a Casa*, publicado em março de 1999, uma das grandes crueldades do trabalho doméstico infantil é que ele cria a falsa expectativa de que a menina terá uma outra casa. “A promessa é que ela vai voltar a estudar, mas, na verdade, não é essa a intenção dos patrões”, diz ela.

A pesquisa da OIT e os dados da PNAD indicam que o trabalho doméstico infantil concentra mais negros (pretos e pardos) do que qualquer outro trabalho infantil no país. Em 1999, na região Centro-Oeste, o índice era de 63%. No Nordeste, os números oscilaram de 68% a 73% em toda a década de 90 e, no Norte, foram de 74% a 80%. A exceção fica por conta do Sul, onde as domésticas são na maioria brancas.

A explicação para esse quadro, segundo Renato Mendes, coordenador nacional do Projeto Regional para a Prevenção e Eliminação do Trabalho Infantil Doméstico, da OIT, é histórica e econômica.

Histórica porque remonta à colonização e à escravidão, períodos em que os serviços domésticos eram realizados pela mulher negra. “Os trabalhos não qualificados eram relegados à escória, aos que não faziam parte do corpo social”, diz Mendes. E, nesse caso, a mulher negra sofria em dobro: era mulher e negra.

O aspecto econômico se deve à menor qualificação do negro. Por isso, ele opta por serviços que requerem menos preparo, como o doméstico. O círculo vicioso se estabelece quando se percebe que o ne-



gro é menos qualificado porque encontra mais dificuldade no acesso à educação e ao mercado - até por causa do preconceito.

A socióloga Marlene Vaz chama a atenção em seu estudo para o ritual de limpeza, de branqueamento da raça, que no Nordeste é muito comum.

Para penetrar no mundo da casa, a “menina suja” deve se submeter a um verdadeiro rito de passagem, o famoso **banho e lavagem das roupas**, cerimônia comandada pela patroa e pela empregada doméstica adulta. “Além do esfregar, como se quisesse eliminar o cheiro e desbotar ou branquear a cor da pele das meninas, suas roupas também devem ser **desinfetadas**”, relata a pesquisadora em seu livro.

Segundo ela, a significação social do comportamento das patroas nada mais é do que o horror à infecção que os pobres e os negros podem trazer às suas casas, estratégia higienista para manter a separação de pessoas de classes diferenciadas.

DE MULHER PARA MULHER

Maria Luiza Lamarão, socióloga e pesquisadora do Cedeca Emaús, de Belém, lembra ainda que a relação do trabalho doméstico infantil ocorre quase exclusivamente no âmbito feminino.

“É de mulher para mulher”, diz ela. Isso porque se dá entre três protagonistas do sexo feminino: **a menina trabalhadora, a mãe dela e a patroa**. Na casa de origem, é a mãe que se envolve mais com a decisão de a filha começar a trabalhar. Depois, quando ela já está empregada, quem **passa as tarefas e fiscaliza o trabalho é geralmente a patroa, e não o patrão**. Em Belém, 95,3% dos trabalhadores domésticos são mulheres e 47,8% delas têm entre 12 e 15 anos.

As meninas que saem do interior do Pará para trabalhar em Belém têm poucas opções. “Ou ficam na roça, fazendo um trabalho pesado nas culturas de mandioca, açaí e pimenta-do-reino, ou vão para a cidade em busca de uma vida melhor”, afirma. Ela conta que, por causa do ciclo da borracha, formou-se uma classe alta abastada em Belém. Esse grupo trazia costumeiramente meninas do interior numa espécie de ajuda mútua: elas trabalhavam em troca da promessa de alimentação, roupa e instrução.

Os depoimentos que coletamos em Recife, Belém, São Paulo e Porto Alegre falam por si só. Todas as oito adolescentes e jovens, de 14 a 22 anos, entrevistadas pela reportagem da **Maria, Maria** começaram a trabalhar quando ainda eram crianças. Apenas uma delas tem registro em carteira e, quanto mais nova, menor o salário.

CÁRCERE PRIVADO, VIOLÊNCIA E ABUSO SEXUAL

Um dos relatos é de cárcere privado. Elisabete Miranda tem 22 anos e nasceu em Orleans, Santa Catarina. Aos 8 anos, já trabalhava na roça com seu irmão e seus pais. Estudou apenas até a quarta série. Para diminuir as despesas da casa, ela foi entregue, aos 14 anos, a uma senhora de Porto Alegre que, em troca, enviou uma cesta básica para a família dela durante seis meses.

“Fiquei muito entusiasmada com a idéia de morar em uma cidade maior, onde poderia estudar, ter mais oportunidades, mudar de vida. Era a primeira vez que estava saindo de Orleans”, conta ela.

Bastaram dois meses para que o sonho de viver em uma família na cidade grande se transformasse num pesadelo.

Maria, a patroa, ganhava para cuidar de uma senhora em estado vegetativo e, automaticamente, passou a função para Elisabete. Seu dia começava às 7 horas da manhã e terminava perto da meia-noite. “Fazia todos os serviços da casa e ainda era enfermeira sem nunca ter feito qualquer curso”, desabafa. “Não podia usar o telefone, não tinha folga nem salário. Trabalhava em troca de comida, sem carteira assinada. Maria dizia que minha mãe havia dado minha tutela a ela e que, se não fizesse tudo aquilo que ela mandasse, seria encaminhada à Febem.”

Elisabete ficou seis anos na casa e, com a ajuda de uma vizinha que se tornou sua amiga, planejou a fuga durante um mês. Disse à patroa que iria até a farmácia e nunca mais apareceu. “O momento em que senti que estava realmente livre foi quando assisti, sozinha, o filme *Titanic* no cinema. Chorei muito, mais pela sensação de liberdade do que pelo filme”, recorda ela.

Infelizmente, absurdos como esse não são tão raros. Em seu estudo, o juiz Paulo Frota diz ter ficado estarrecido quando resolveu levantar pessoalmente o problema com o *Sindicato dos Trabalhadores Domésticos, Arrumadores e Camareiros* dos municípios de Belém e Ananindeua, do Estado do Pará, filiado à *Federação Nacional dos Trabalhadores Domésticos*.



Na correspondência que o sindicato lhe remeteu, há referências a casos de cárcere privado, como o de Elisabete, violência física, sexual, dano moral, entre outros.

“Adolescentes e mesmo crianças são arrebanhadas de cidades do interior do Pará e de outros estados, especialmente do Maranhão, com a promessa de morar e estudar, mas acabam se transformando no que o sindicato classifica de escrava moderna, com jornada de trabalho excessiva, proibição de estudar, retribuição do trabalho doméstico com roupas usadas da família, que não servem mais a seus donos originais, sem a garantia de seus direitos trabalhistas”, escreveu o juiz.

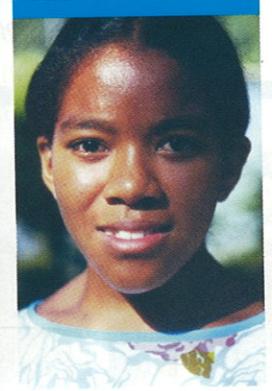
Diferentemente do que ocorre em outras atividades, a fiscalização, nesse caso, é praticamente inexistente. “Quando alguém se vê com os direitos preteridos, vai reclamar em juízo e só aí isso aparece”, alerta o jurista Oris de Oliveira, autor de vários livros sobre o assunto.

CRIANÇAS CUIDANDO DE CRIANÇAS

A maioria das **meninas** empregadas no serviço doméstico exerce a **função de babá**. Na região Norte, segundo a PNAD de 1998, **58% das meninas e adolescentes** trabalhadoras domésticas **cuidam de outras crianças**.

Andrea Gertrudes Ferreira, 14 anos, é uma delas. Já passou por duas casas em Mairiporã, São Paulo, como babá. Da primeira vez, aos 12 anos, cuidou de um bebê de sete meses. Trabalhava de manhã e ia para a escola à tarde. Às sete horas da manhã, preparava a mamadeira. Às dez horas, fazia papinha e suco e ao meio-dia o almoço. “Era tranquilo”, diz ela, que ganhava 40 reais para trabalhar de segunda a sexta-feira. Na outra casa, o salário era o mesmo e ela tinha que cuidar de um casal de gêmeos de quatro anos.

E.P.S, 16 anos, trabalha há dois como doméstica em Recife e já passou por três casas. Numa delas, cuidava de um menino de seis anos e de uma menina de dois. “Lavava roupa, passava, preparava o



almoço, arrumava a casa e fazia as crianças dormir. Ia para a escola à noite. Voltava às 22 horas e acordava às sete e meia”, lembra. Ganhava 40 reais por mês e não tinha folga nem registro em carteira. No outro emprego, chegou a tomar conta de duas meninas, uma de sete e a outra de 13, além de lavar, passar, cozinhar e limpar a casa.

A socióloga baiana Marlene Vaz avalia que as meninas pobres são introduzidas no **trabalho doméstico** familiar por volta dos **sete anos**, cuidando dos irmãos mais novos e ajudando nos **afazeres domésticos**.

A maioria das domésticas não tem férias (55,5%), mais de 60% não conhecem seus direitos trabalhistas e cerca de 90% não querem para os filhos a mesma profissão. Boa parte delas também espera um futuro melhor para si.

“Não quero mais trabalhar em casa de família”, diz T. M.S, 13 anos, de Recife. Empregada desde os 11 anos, ela estuda pela manhã. Está na sexta série e sonha em terminar o ensino médio, fazer faculdade e se tornar professora, de Ciências, se possível.

Uélica Lúcia Barbosa, 17 anos, também **planeja** uma vida bem **diferente** da que tem hoje. Desde os **14 anos** ela trabalha como doméstica. A profissão, segundo ela, não foi uma opção. “**Não tive outras oportunidades**”, justifica.

A garota faz supletivo do ensino médio à noite, numa escola estadual perto de sua casa, em São Paulo, e deseja, no futuro, terminar os estudos com um curso de auxiliar de enfermagem.

Veja no Box na próxima página o que se tem feito no combate ao trabalho doméstico infantil.



ESTRATÉGIAS DE COMBATE AO TRABALHO DOMÉSTICO INFANTIL

Um dos grandes desafios que temos hoje é prevenir e erradicar o trabalho doméstico infantil. O primeiro passo nesse sentido já foi dado. A pesquisa da OIT, além de apontar o problema, que para a maioria das pessoas, sequer existia, traçou um panorama, ainda que inicial, dessa realidade.

Ainda há, no entanto, poucos projetos com esse fim. Um dos primeiros a ser implantado no Brasil é o Ceafro, programa de profissionalização para a cidadania, ligado ao Centro de Estudos Afro-Orientais - Ceao, da Universidade Federal da Bahia - UFBA. Desde 1999, ele desenvolve um projeto pioneiro, o Ampliando Direitos e Horizontes.

Dirigido a adolescentes, ele tem como objetivos prevenir e erradicar o trabalho infantil doméstico, garantir os direitos das jovens e combater o assédio e a violência sexual. "Conscientizamos as adolescentes de sua condição de trabalhadora, mulher e negra", afirma Valdecir do Nascimento, coordenadora geral do Ceafro. "Buscamos melhorar a qualificação profissional delas e reafirmar a sua identidade e capacidade de interação."

O Ampliando Direitos e Horizontes oferece, gratuitamente, cursos de formação técnica, como informática, puericultura, higiene, confecção de alimentos e tecnologia doméstica, e aulas para o desenvolvimento da linguagem oral e escrita. O projeto é voltado para meninas de 16 a 18 anos que estejam cursando o ensino fundamental ou médio. Um dos resultados palpáveis do trabalho, que já atendeu 200 adolescentes, foi a elaboração de uma cartilha de 47 páginas abordando temas pertinentes ao universo das trabalhadoras domésticas. O documento foi confeccionado pelas próprias alunas do projeto e

trata de questões trabalhistas, dos direitos do adolescente e do direito à educação, tipos de assédio e violência sexual no local de trabalho. Entre outros resultados positivos apontados pelo Ceafro, estão a maior conscientização dos direitos e a oferta de mão-de-obra mais qualificada. "Por meio do curso, constatamos que essas jovens passam a ter maior expectativa educacional. As que estão concluindo o ensino médio, por exemplo, se preparam com mais vontade para prestar vestibular e muitas trocam de profissão", diz Valdecir.

Outro programa vem sendo desenvolvido em Belém pelo Centro de Defesa da Criança e do Adolescente Emaús. O enfoque do projeto é na educação. "As meninas vão para a cidade em busca de educação, mas, quando começam a trabalhar, esse direito lhes é negado", diz Ana Celina Bentes Hamoy, coordenadora do Programa de Enfrentamento do Trabalho Infantil Doméstico, em Belém.

Ela acrescenta que as meninas chegam do interior com um nível escolar razoável, mas, com o trabalho, ficam defasadas 4 ou 5 anos em média. O programa, elaborado por ela, pretende atuar do seguinte modo: criar na região da Ilha de Marajó uma escola baseada na alternância, regularizar os direitos trabalhistas, oferecer cursos profissionalizantes às adolescentes maiores de 16 anos, retirar do trabalho as menores de 16 anos e criar um programa de geração de renda para as famílias de origem.

O projeto, que também realiza campanhas de sensibilização da opinião pública sobre o tema, deverá estar totalmente implantado até julho de 2002. Em 2005, ele será avaliado e, dependendo dos resultados, poderá ser adotado como política pública municipal.

* *Andréia Peres é jornalista e autora do livro A Caminho da Escola, sobre trabalho infantil no Brasil.*

Colaboraram: Tiago Lotufo e Alexandre Teles.

* Fotos em Porto Alegre: Eduardo Tavares / N Imagens.

Nota: omitimos o nome de algumas meninas, identificadas apenas pelas iniciais, a pedido delas.

E l a s d e r a m FILME

Domésticas - o Filme, dirigido por Fernando Meirelles e Nando Olival, trabalha o cotidiano de cinco empregadas domésticas na cidade de São Paulo. E tem uma particularidade interessante: em nenhum momento aparecem patroas e patrões.

O roteiro foi escrito por Cecília Homem de Mello, Fernando Meirelles, Nando Olival e Renata Melo. Essa última é autora da peça homônima, que serviu como estímulo para a construção do filme.

Cecília Homem de Mello é a nossa entrevistada. Por muitos anos, ela foi jornalista e, além de roteirista e atriz do Domésticas, assina a produção de elenco, juntamente com Rita Fernandes.



Maria, Maria - O roteiro do *Domésticas - o Filme* foi escrito a oito mãos. Como vocês conseguiram?

Cecília Homem de Melo - Uma das roteiristas, a Renata Melo, escreveu a peça de teatro *Domésticas*. Para dominar o tema, ela entrevistou dezenas de empregadas. Os depoimentos dessas mulheres foram a gênese da peça. Pois bem, para criar o roteiro do filme, a gente leu a pesquisa da Renata e cada um juntou àquele universo pesquisado as próprias experiências. Porque a maioria de nós, da classe média, foi criada por uma empregada doméstica. Todo mundo é filho de uma doméstica. A preocupação comum dos

roteiristas era não deslizar para o preconceito e nem para a compaixão culpada, isto é, a mentalidade de sentir pena ou de só ver um lado da questão.

MM - Para você, qual seria a visão preconceituosa?

Cecília - Por exemplo, acreditar que as domésticas têm que ser boazinhas ou sofredoras ou, mais grave, que as falas teriam que ser politicamente corretas. Em todos os estratos da sociedade, vamos encontrar pessoas que são bacanas e outras não tão bacanas. Com as empregadas domésticas, acontece a mesma coisa. Então, a gente não quis estereotipar dizendo: *todas são vítimas, todas são boazinhas*. A gente percebeu que tinha que ter uma doméstica valente, uma outra que está feliz, uma terceira que está batalhando para sair do emprego doméstico etc. Tentamos fugir ao máximo dos maniqueísmos, mesmo quando politicamente corretos.

MM - Algumas pessoas se ressentiram do filme mostrar mulheres "ignorantes", chamaram isso de preconceito.

Cecília - Não é preconceito mostrar que existe a ignorância, entendendo a palavra no sentido de "aquilo que não se conhece". Muitas domésticas vêm de outro meio. Uma vez, chegou na minha casa uma moça que, um belo dia, lavou o radiorelógio. Isso é um dado da realidade. Claro que eu entendo que ela lavou o radiorelógio porque ela veio de um lugar onde esses aparelhos

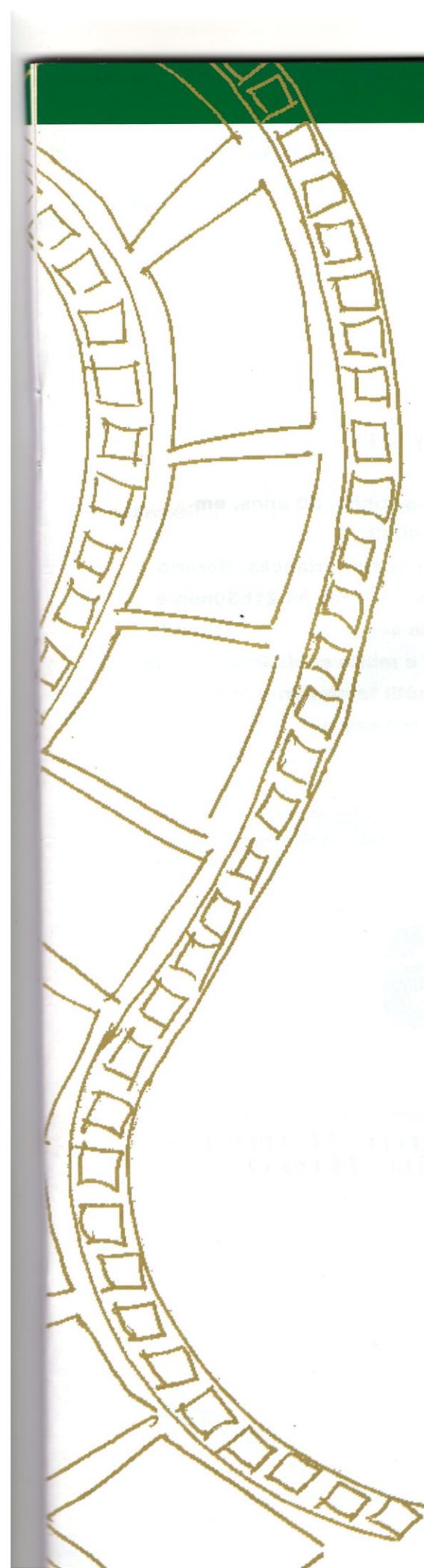
não existiam. Mas este é um fato. Por que então não podemos falar disso? Se eu esconder, estarei sendo tão preconceituosa quanto os que acham que é preconceito mostrar esse fato. Afinal, são diferentes "culturas" se observando. Se as domésticas fizerem um filme sobre as suas patroas, irão aparecer os nossos absurdos e também as nossas ignorâncias, os absurdos e as ignorâncias da classe média.

MM - Outras pessoas se incomodaram com o fato de as patroas não aparecerem, alegando que a ausência de patrões escamotearia os conflitos.

Cecília - Foi um consenso entre os roteiristas que não seria necessário mostrar patroas e patrões para explicitar o efeito que essa relação tem no cotidiano das domésticas. Não é necessário pôr patroa e empregada em cena para perceber a relação. Por exemplo, a Quitéria é constantemente despedida porque ela não se adapta e não precisamos colocar as patroas despedindo-a para entendermos isso. Não precisamos ver a patroa da Creo - aquela que dorme em uma cama que é quase uma tábua de passar roupa - para intuirmos que se trata de uma relação desigual e opressiva.

MM - Na sua opinião, o que há de específico no universo da trabalhadora doméstica?

Cecília - O trabalho doméstico é um trabalho que se confunde com o universo feminino, porque ele tem uma função materna, uma função de cuidado. E junta-se a isso a nossa herança escravocrata. No fundo, o trabalho doméstico remunerado é um resquício da casa grande e senzala. Verdade que hoje ela tem décimo terceiro salário, férias, carteira assinada, mas a mucama ainda existe. Outra especificidade do trabalho doméstico é a invisibilidade. A empregada está ali, só que ninguém está vendo. Aliás, ninguém presta atenção na moça que varre o chão ou serve o cafezinho. De repente, a patroa conversa acerca de coisas particulares diante da empregada, mas quando a empregada vai falar das suas intimidades, a patroa se sente incomodada. Acho que o filme diz: essas pessoas existem, têm uma vida interior. Olhem para elas.



MM - *Domésticas* - o Filme mescla depoimentos à narrativa ficcional. Qual foi a intenção?

Cecília - A idéia de colocar os depoimentos da vida das pessoas em branco e preto foi muito legal, pois nos depoimentos aparecem flashes da alma de cada personagem. Como se fosse uma vitrinezinha mostrando: essa é fulana de tal, essa é a sua vida, isso é o dia-a-dia dela.

MM - O filme termina com a filha de uma das domésticas dizendo que arrumou emprego em uma firma. Você acha que o emprego doméstico, ao menos na formatação atual, irá desaparecer?

Cecília - Sendo otimista, eu acho que sim. Talvez as jovens consigam ir avançando nisso, a filha da empregada doméstica de hoje talvez não será a empregada de amanhã. Eu creio que é a tendência. Acredito que as possibilidades de liberação e de libertação são muito maiores do que no passado. No filme, nós tentamos dar esse toque quando a filha da Creio diz que está trabalhando em uma firma.

MM - Há uma tradição nas telenovelas brasileiras de pôr a empregada doméstica como alguém sem laços, como se elas não tivessem famílias ou mesmo uma vida amorosa. Normalmente, são apresentadas como superempregadas, supermulheres que só vão dormir quando a patroa diz: "Oh! Eu não preciso de mais nada, pode ir dormir".

Cecília - No filme, colocamos a doméstica em primeiro plano. Essa personagem da vida real é tão fundamental e ao mesmo tempo tão escamoteada. Em geral, na sociedade, é como se ela não contasse, não pode chegar atrasada, tem que estar sempre ali, porque a patroa tem que ir para o seu serviço, porque a patroa tem os seus compromissos. No imaginário, a doméstica aparece meio onipresente. Acho que a gente quis mostrar, no *Domésticas*, quem é a nossa heroína. A heroína no cotidiano de milhões de famílias é a empregada doméstica. Pra mim foi isso: colocar a doméstica em cena.

MM - Cecília, você tem uma empregada doméstica, não é? Você mostrou o filme para ela?

Cecília - Ela assistiu e falou que gostou. Mas não me disse do que gostou, como gostou, por que gostou. Ela assistiu várias vezes. Já a Maria, que é a faxineira de onde eu trabalho, não quis ver. Eu insisti para ela ver e ela não quis. Sei lá, acho que ela tem medo.

separa Chile de sus Hijos
Mayo de 1879: Combate Nav'

SÓS

Virginia Martínez *
Tradução de José Humberto Fagundes

OFEREÇO quarto e comida para senhora, sozinha, 50 anos, em troca de trabalho (sem salário). Fone 3049013.

SENHORA de 25 a 40 anos para cuidar de quatro crianças. Horário de trabalho de segunda a quinta-feira das 13 horas às 21h30min e sexta-feira de 13 horas até as 10 horas de segunda-feira, incluindo limpar e cozinhar. Aptidão para trabalhar e muito cuidadosa com as crianças. Se não atender os requisitos, inútil telefonar.

SENHORA do interior para trabalhar. Ofereço cama. Fone 094455677

SOLAS

Virginia Martínez *
DOY pieza y comida a señora. sola. 50 años a cambio de tareas (sueldo no) Tel. 3049013.

SEÑORA de 25 a 40 años para cuidar 4 niños pequeños, horario de trabajo lunes a jueves de 13 a 21.30 y viernes de 13 hasta lunes 10 de la mañana, también limpieza y cocina. Aptitud para trabajar y muy cuidadosa con los niños. Inútil llamar si no cumple los requisitos.

SEÑORA del interior para tareas con cama. Tel. 094455677



Ver os anúncios publicados no caderno de classificados do diário *El País* de Montevideo é uma maneira de conhecer as perspectivas de trabalho de milhares de mulheres uruguaias.

Jovens ou adultas, de preferência solitárias e vindas do interior do país, parecem ter a preferência dos empregadores. Muitos dos anúncios não consideram necessário completar a informação sobre o trabalho solicitado com um dado fundamental: o salário oferecido. Outros são explícitos e prometem apenas casa e comida em troca de um trabalho impreciso em quantidade e qualidade.

O desemprego estrutural que toma conta do Uruguai agrava-se ainda mais no caso das mulheres. Um único tipo de oferta, sob duas formas distintas porém equivalentes, surge como possibilidade: o trabalho em casas de família ou sob a forma organizada e "industrial" das empresas prestadoras de serviços de limpeza.

O subemprego e a informalidade deixaram de ser conjunturais no país. Existe uma cultura da informalidade trabalhista. E, dentro dela, junto aos jovens, o setor mais prejudicado é o das mulheres.

Donas de casa e trabalhadoras desempregadas abastecem de forma permanente esse exército da faxina.

Graciela tem 42 anos e dois filhos. Começou a trabalhar aos 15 anos. Casou-se jovem e abandonou o emprego.

Ver los anuncios publicados en el Suplemento de Avisos Clasificados, del diario *El País* de Montevideo es una manera de conocer el horizonte laboral de miles de mujeres uruguayas.

Jóvenes o mayores, pero de preferencia solas, y que vengan del interior del país, ése parece ser el gusto dominante en los empleadores. Muchos de los avisos no consideran necesario completar la información del trabajo pedido con un dato elemental: el sueldo que se ofrece. Otros son explícitos, y prometen sólo casa y comida a cambio de un trabajo impreciso en cantidad y calidad.

El desempleo estructural que domina al Uruguay tiene un punto particularmente débil en las mujeres. Una única oferta, bajo dos formas distintas pero equivalentes, se presenta como posible: el trabajo en casas de familia o bajo la forma organizada e "industrial" de las empresas de limpieza.

El subempleo y la informalidad han dejado de ser coyunturales en el país. Hay una cultura de la informalidad laboral. Y dentro de ella, junto a los jóvenes, el sector más afectado es el de las mujeres.

Amas de casa y obreras desocupadas nutren en forma permanente a este ejército de limpiadoras.

Graciela tiene 42 años y dos hijos. Empezó a trabajar a los 15 años. Se casó joven y abandonó el taller.

"A los hombres no les gusta que una trabaje, por eso dejé. Cuando estaba embarazada de la nena, a punto de parir, mi marido me pidió el divorcio y la casa. Vivíamos en una casa que nos habían dado mis suegros. Yo no tenía dónde ir, al principio le dije que no me iba pero eran tantas las presiones que empecé a dudar. Esperaba que mi familia me ofreciera un lugar. Una no puede andar pidiendo. Al final mi hermana me llevó con ella. Durante diez años vivimos amontonados. Después entré a una textil, donde trabajé veinte años. Por eso digo que aunque hoy trabajo como doméstica y soy de la fábrica. Trabajé en todas las máquinas. Fue una buena época, si el gobierno daba el 14% de aumento, nosotros obteníamos el 24%. Ahí la lucha era con los hombres que no querían que aprendiéramos lo que hacían ellos, pero nosotras nos

O nome
dela é
lutadora, mas
pode chamar de
CREUZA

* Fotos Célia Aguiar / N Imagens



Baiana, 43 anos, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Domésticos da Bahia e da Federação Nacional dos Trabalhadores Domésticos. Também batalha na Confederação Latino-Americana de Trabalhadores Domésticos e milita no Movimento Negro Unificado. Creuza Maria Oliveira começou a trabalhar aos 10 anos de idade e comeu “o pão que o diabo amassou”. Depois que descobriu a luta política, nunca mais parou de sonhar e realizar ações em prol das trabalhadoras domésticas. Mas vamos deixar que ela mesma conte sua história.

INFÂNCIA

Comecei a trabalhar com 10 anos. Nessa ocasião, eu morava com a minha mãe, meus dois irmãos e o padrasto. Um dia, ele disse que a condição de ficar com a minha mãe era de que um dos filhos dela fosse trabalhar. Eu era a do meio, o mais velho era um menino e a caçula uma menina. Bom, me elegeram para ir trabalhar. Fui para uma casa em Santo Amaro da Purificação, interior da Bahia. Minha função seria a de babá. A promessa era que iam me botar na escola, só que isso nunca aconteceu. Eu não era só babá, eu lavava os pratos, varria a casa. A patroa exigia de mim como se eu fosse uma adulta. Eu não tinha salário, a paga pelo serviço era roupa usada, ela desmanchava umas roupas dela e mandava fazer para mim. Quando me dava uma roupa nova, era de chitão, que é um pano ruim, ordinário. Quando a minha mãe aparecia, de vez em quando, a patroa dava umas sobras de comida, roupa usada e o que seriam hoje uns 20 ou 30 reais.

CRIANÇA QUER BRINCAR

Eu não tinha um pensamento de responsabilidade, de fazer tudo certinho. Uma criança deixa o serviço e vai brincar, se distrai. Aí eu apanhava, porque não estava fazendo o serviço direito, apanhava porque quebrava um copo, apanhava porque partia o prato, porque descuidei do filho da patroa. Eu via que os meninos dela, que tinham a mesma

idade que eu, tinham o almoço na hora certa e depois iam brincar. E eu não, eu só comia depois deles. Outra dor era a forma como eu era tratada, na hora de fazer alguma coisa errada, além de apanhar eu era xingada de *nega feia*. Os meninos tinham aquela brincadeira da *nega do cabelo duro* e puxavam o meu cabelo. Nessa idade, eu jamais ia saber que aquilo era racismo e que esse tratamento produziria seqüelas sérias no futuro, tipo sentimento de inferioridade.

A patroa dizia: “você não faz nada certo, você é lerdada, você é idiota, você é demente”. Então eu cresci tendo vergonha do meu cabelo, tendo vergonha de mim.

O TERROR

Eu saí dessa casa com 12 anos e fui para outra com a mesma exploração. Era uma casa de dois andares, na verdade, eram duas casas, uma parte da família morava embaixo, a outra parte morava em cima. Eu tomava conta de um menino de 1 ano e, quando ele dormia, eu tinha que continuar trabalhando em cima e embaixo. Um dia, o menino estava na andadeira e, de repente, eu lembrei de alguma coisa que eu não tinha feito na casa de baixo e sai correndo. Esqueci de fechar o portãozinho da escada e pronto, o menino rolou escada abaixo com a andadeira e tudo. Se machucou, levaram o menino para o hospital. Chamaram o pai, que estava em Salvador, ele chegou desesperado. Queria me matar, dizia que eu era uma irresponsável. Por fim, ele disse que se o filho morresse, ele me mataria. Mas graças a Deus o menino não teve nada. Tempos depois, eu fugi dessa casa.



A HISTÓRIA SE REPETE: NÃO COMO FARSA, COMO TRAGÉDIA

Claro que essa história não é só minha. Hoje, em pleno século XXI, meninas seguem trabalhando pela metade do salário. Só em Salvador e região metropolitana são mais de 14 mil meninas no trabalho doméstico, e a cada dia cresce o número. Muitas sofrem assédio e abuso sexuais de filhos e de patrões. Meninas continuam ouvindo ofensas racistas, continuam fora da escola.

O Fundo das Nações Unidas para a Infância - Unicef e a Organização Internacional do Trabalho - OIT hoje começam a falar da exploração do trabalho infantil na área doméstica.

Antes não falavam, falavam das crianças em outras áreas, mas no trabalho doméstico não. É como se não fosse um trabalho e como se as meninas que estivessem dentro de uma casa trabalhando estivessem amparadas. Mas isso não é verdade. Essas meninas sofrem violências diversas. A começar pela violência de estar trabalhando antes da idade. E, por fim, há uma injustiça de gênero: é a menina quem deixa a escola para ficar em casa cuidando dos irmãozinhos ou deixa a escola para cuidar de crianças de outra pessoa.

EM UM DOMINGO, MINHA HISTÓRIA COMEÇOU A MUDAR

Quando eu tinha vinte e poucos anos, comecei a questionar minha situação. Eu me perguntei: por que os trabalhadores têm direitos e as domésticas não? Tudo bem eu trabalhar toda a semana, mas nos domingos e feriados eu ficava revoltada quando eu via meus patrões saírem para se divertir. E eu na casa para dar almoço, para dar jantar. Tinha folga de 15 em 15 dias. Por que eles trabalham e têm folga e eu não? Até que um dia, em 1983, eu ouvi, no radinho de pilha, a notícia que um grupo de domésticas se reunia no colégio *Antônio Vieira*, em Salvador. Eu já havia participado de algumas Pastorais, mas era aquela conversa: a empregada tem que ser boazinha... obedecer a patroa e tal. Eu não queria isso! Eu queria uma coisa diferente. Aí eu aumentei o volume do rádio e fiquei atenta para o horário da reunião: no segundo e no quarto domingo do mês. Eu desliguei o rádio e fiquei com aquilo na cabeça. Perguntei para a minha patroa: onde fica o colégio *Antônio Vieira*? Ela não disse. Perguntei qual é o segundo e o quarto domingo do mês. Ela me mostrou na folhinha. Aí foi a vez dela perguntar: por que você quer saber? Eu respondi: vai ter uma missa lá, eu quero ir. Só que não era missa coisa nenhuma, eu queria ir para essa reunião. Daí,

eu procurei mobilizar as colegas que trabalhavam no mesmo prédio que eu e as colegas da escola, chamei a minha irmã caçula, que era doméstica também, chamei uma prima, chamei todo mundo para essa reunião. Entrei nesse grupo e nunca mais saí da luta. Em 1986, a gente criou a *Associação Profissional das Domésticas*. E depois da Constituição de 1988, criamos, no 13 de maio de 1990, o *Sindicato dos Trabalhadores Domésticos da Bahia*.

O EXÍLIO DOMÉSTICO

Nossa maior dificuldade é ter acesso às trabalhadoras domésticas. Porque essa trabalhadora está ilhada dentro do local de trabalho. Não existe fiscalização, a Delegacia do Trabalho, por exemplo, não faz fiscalização nas residências, nem a Previdência Social. Essas trabalhadoras se sentem sozinhas. Não é como uma empresa em que a pessoa trabalha com outros colegas, se reúne no refeitório, no horário do lanche. Daí, a trabalhadora doméstica tem dificuldades de saber dos direitos. Nós, do sindicato, tentamos chegar perto das trabalhadoras domésticas nas escolas, à noite, ou divulgando nosso trabalho onde dá. Dependemos muito de uma oportunidade como essa que a *Maria, Maria* está dando, para divulgarmos nossa existência e trabalho. A gente faz um Boletim e distribui em escolas noturnas, praças públicas, padarias, pontos de ônibus.

INTERNACIONAL DOMÉSTICA

Conheci vários países. Eu e minhas companheiras já participamos de um Congresso de Trabalhadoras Domésticas da América Latina. Vimos que a realidade das empregadas domésticas latino-americanas é muito semelhante.

Há países que estão piores que o Brasil. Nós temos mais direitos que as companheiras do México, da República Dominicana, da Bolívia etc. Estivemos em um Congresso no Chile, no qual as trabalhadoras domésticas nos aplaudiram de pé pelas nossas conquistas quanto à previdência, licença maternidade, férias.

Agora, nós, as domésticas, não estamos lutando só por direitos trabalhistas, estamos lutando pela nossa cidadania, pela nossa emancipação. Lutamos pelo direito de participar, de ir e vir, de estudar, de ter a liberdade com o nosso corpo, a nossa sexualidade, o nosso lazer, a nossa saúde. Não lutamos só para nós, lutamos para toda a sociedade. Nós fazemos parte da classe trabalhadora. No Brasil, somos cinco milhões de trabalhadoras domésticas. Enfim, a gente está provando que é capaz de transformar a sociedade e construir uma nova história.



CURRÍCULO DE LUTADORA

Em 1996, Creuza foi candidata a vereadora por Salvador (BA), obtendo 1.066 votos. Em 2000, candidatou-se novamente, totalizando 3.205 votos, sempre pelo PT – Partido dos Trabalhadores. Apesar de não ter ganho, o número de votos foi significativo. Em agosto de 2001, na África do Sul, participou da *III Conferência Mundial contra o Racismo, a Xenofobia e Formas Correlatas de Discriminação*, promovida pela ONU – Organização das Nações Unidas. Em janeiro de 2002, em Porto Alegre, participou, como palestrante, do *II Fórum Social Mundial*.

Domésticas Cidadãs

No Brasil, a palavra sindicato lembra metalúrgicos, bancários, professores. Lembra líderes e esses líderes lembram sobranceiras espessas, vozes grossas, punhos levantados.

O Sindicato dos Trabalhadores Domésticos do Município de São Paulo não lembra nada disso. Apesar do trabalhadores domésticos no nome, por machismo da língua, o Sindicato é, na verdade, um espaço de mulheres, uma vez que as mulheres são a imensa maioria da categoria.

Uma categoria formada por trabalhadoras achatadas na base econômica social. A maioria tem pouca escolaridade, desconhece seus direitos e tem mínimo poder de barganha.

Mas elas têm algo nos olhos que poderíamos definir, sem medo de errar, como fome de luta.



As nove horas da manhã, elas começam a chegar. A maioria soube do Sindicato por meio de uma amiga ou porque pegou, no ponto de ônibus ou na estação de trem, um panfleto contando da existência do seu sindicato.

A maioria vem reclamar da falta de registro na carteira ou da dispensa por motivo de gravidez. Chegam tímidas, chegam com dúvidas. E na primeira conversa, aprendem rapidinho: sim, elas têm direitos! Direito à carteira assinada, à licença maternidade, ao décimo terceiro salário, à previdência, às férias. E o principal: aprendem que fazem



parte de uma categoria profissional.

Dejanira Alves Pereira, presidente em segundo mandato do *Sindicato dos Trabalhadores Domésticos do Município de São Paulo*, diz que não há mais sentido falar das domésticas como pessoas espalhadas pelos lares do Brasil, faz sentido falar de uma categoria de trabalhadoras - com deveres e direitos claramente estabelecidos.

A história de Dejanira é exemplar. Nascida em Minas Gerais, seus pais trabalhavam na roça e foram mudando até se estabelecerem no Pontal do Paranapanema, São Paulo. A família cultivava arroz e as inúmeras enchentes arrasavam com o plantio. Dejanira colocou na cabeça que iria para a cidade arrumar um trabalho e, assim, ajudar a família. Arranjou um emprego como doméstica em Presidente Prudente, São Paulo.

“Eu sempre tive o sonho de virar profissional. Um dia, tirei minha carteira de trabalho. Quando mostrei para minha patroa, ela disse que não iria me registrar, que nenhuma patroa fazia isso e ela não ia ser a primeira. Disse que registrar empregada era coisa de cidade grande, só em São Paulo. Aí eu retruquei: então eu vou para São Paulo! Ela riu e me deu uma mala. Eu coloquei as roupas na mala e peguei o primeiro ônibus.”

Em São Paulo, a nova patroa de Dejanira fez registro em carteira, mas não pagou o INSS. Dejanira mudou de emprego. Finalmente conseguiu trabalhar com tudo certinho. Era seu direito.

DE SEGUNDA A SEXTA-FEIRA, DAS 9H ÀS 17H

O *Sindicato dos Trabalhadores Domésticos do Município de São Paulo* tem sede própria na rua Capri, 163, Pinheiros. Por dia, passam por lá cerca de 100 mulheres. Elas são atendidas por uma equipe enxuta e dinâmica. Sem burocracia. Chegam, relatam o caso, ouvem e o problema é encaminhado.

Segundo os dados, 70% das ocorrências alcançam um acordo. O Sindicato calcula o valor de direito a ser recebido, envia uma carta para os patrões convidando-os a comparecer na sede.

O acordo se dá na forma do pagamento. Dejanira esclarece “quando o total é alto, a dívida é parcelada em duas vezes, um cheque no ato e outro pré-datado. Agora, quando as partes não chegam a um acordo, o caso vai para a Justiça”.

O Sindicato conta com um departamento jurídico, no qual nove advogados (três homens e seis mulheres) trabalham, em regime de plantão, nos trâmites legais. Quem segura o dia-a-dia do departamento jurídico é a pedagoga Valquíria Abigail Sales Roncone: “Este é o tipo de trabalho que a gente pega amor. A população é tão carente de di-





reitos que é uma satisfação trabalhar na área. Eu tenho uma empregada doméstica e sei que se ela não estivesse segurando o trabalho na minha casa, eu não poderia estar aqui.”

Valquíria também conta que, apesar de o Sindicato só cuidar das demandas trabalhistas, denúncias de racismo, sexismo e outros abusos são encaminhadas para ONGs e organismos especializados nessas demandas. A idéia é não deixar a trabalhadora doméstica sem resposta.

ÚLTIMO DOMINGO DO MÊS

Um sindicato vive da participação e contribuição da sua categoria. No último domingo do mês, às 15 horas, acontece a reunião de apresentação do Sindicato e uma explanação acerca dos direitos das trabalhadoras domésticas. Dejanira conta que na última reunião havia 26 pessoas novas.



Aliás, o começo da vida política-sindical de Dejanira aconteceu em uma visita à então *Associação das Empregadas Domésticas*. “Eu fui acompanhar uma amiga à *Associação*, me interessei, me engajei e estou na luta há 12 anos”.

Na visita de Maria, Maria ao Sindicato, ficou claro que as representantes das trabalhadoras domésticas estão começando uma nova história no sindicalismo. Elas estão puxando para a cidadania uma categoria, em geral, esquecida pelo discurso e pela prática sindical brasileira, que fala de *trabalhadores* mas muito pouco das *trabalhadoras domésticas*.

Também os candidatos à Presidência parecem ignorá-las. Nossa revista enviou um e-mail para todas as assessorias de comunicação dos candidatos,

perguntando se eles tinham alguma proposta específica para as trabalhadoras domésticas. A resposta foi o silêncio.

Além da luta trabalhista, o Sindicato - que faz parte da *Federação Nacional de Trabalhadores Domésticos* - está empenhado na luta pela ampliação de direitos. Fundo de Garantia, definição de jornada de trabalho e piso salarial de dois salários mínimos são as principais reivindicações.

ISTO ESTÁ DIREITO

- ▶ *Nenhuma trabalhadora doméstica pode ganhar menos do que um salário mínimo.*
- ▶ *A trabalhadora doméstica tem direito ao décimo terceiro salário - que é igual ao valor do último salário. Caso a trabalhadora tenha menos de um ano de emprego ou deixe o emprego antes do fim do ano, o décimo terceiro é proporcional ao número de meses trabalhados no ano corrente.*
- ▶ *A trabalhadora doméstica tem direito a um dia de folga por semana, sem desconto de salário.*
- ▶ *A trabalhadora doméstica deve avisar com 30 dias de antecedência que deseja sair do emprego e a patroa deve avisar com 30 dias de antecedência que irá dispensar a empregada.*
- ▶ *A trabalhadora doméstica tem direito a faltar, sem ser descontada, nos seguintes casos: até dois dias por motivo de luto; até três dias por motivo de casamento.*
- ▶ *A trabalhadora doméstica tem direito a 30 dias de férias por ano, sendo que o mês de férias é pago com 1/3 a mais do que o salário normal.*
- ▶ *A trabalhadora doméstica tem direito à Licença Maternidade, que corresponde a 120 dias.*
- ▶ *A trabalhadora doméstica tem direito a se aposentar com 30 anos de serviço ou 60 anos de idade.*

Dúvidas relativas a orientação trabalhista (aplicações de legislação e situações concretas) podem ser esclarecidas de duas formas: consultando as informações trabalhistas disponíveis no site do Ministério do Trabalho e Emprego (<http://www.mtb.gov.br/>) ou dirigindo-se pessoalmente ao plantão fiscal das delegacias regionais do trabalho, subdelegacias e agências de atendimento em seu estado (endereços e telefones no site acima).

O Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para a Mulher (Unifem) tem como missão promover os meios que possibilitem às mulheres o acesso aos poderes econômico, político e pessoal.

No Brasil desde 1992, o Unifem tem criado parcerias com organizações governamentais, não-governamentais e o setor privado, sempre apoiando projetos que objetivam melhorar a qualidade das condições de vida das mulheres.

São exemplos, entre outros, os apoios do Unifem à alfabetização jurídica de líderes comunitárias, à organização de trabalhadoras rurais, ao desenvolvimento de políticas públicas de equidade de gênero, ao combate à violência doméstica e a todas as formas de discriminação contra as mulheres.



Trabalhadoras Domésticas

BUSCA EMPLEO

Yo soy una señora de 40 años, vivo en Brasil desde 1986, tengo buena presencia y también buenos antecedentes, Morumbi en el Shopping Morumbi como vendedora pero por motivos de fuerza mayor me sali y ahora estoy en busca de empleo. Me gustaría mucho trabajar como Dama de Compañía en alguna familia. Definitivamente de Alameda esquina con Santiago.

Colaboró: Prof. Dr. Rolando Berríos
-DEPLAN-UNESP, Rio Claro - SP